

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

OTÍLIA ROSÂNGELA DA SILVA DE SOUZA

O ENCONTRO COM O SAGRADO NA ARTETERAPIA ORIENTADA PELA
TEORIA JUNGUIANA

São Leopoldo

2017

OTÍLIA ROSÂNGELA DA SILVA DE SOUZA

O ENCONTRO COM O SAGRADO NA ARTETERAPIA ORIENTADA PELA
TEORIA JUNGUIANA

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729e Souza, Otilia Rosângela da Silva de
O encontro com o sagrado na arteterapia orientada pela
teoria junguiana / Otilia Rosângela da Silva de Souza;
orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo
: EST/PPG, 2018.
91 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Psicologia junguiana. 2. Espiritualidade. 3.
Arteterapia. 4. Arte. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler,
1956-. II. Título.

OTÍLIA ROSÂNGELA DA SILVA DE SOUZA

O ENCONTRO COM O SAGRADO NA ARTETERAPIA ORIENTADA PELA
TEORIA JUNGUIANA

Trabalho final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Data de aprovação:

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia – Faculdades EST

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Em todo ser humano, existe um pedaço de solidão que nenhuma intimidade humana consegue preencher- é ali que Deus nos encontra.

Roger Schutz

Não fosse a pausa em ponta,
a Pausa Breve,
não haveria dança,
e existe apenas a dança.

T. S. Eliot, Quatro quartetos.

AGRADECIMENTOS

Com intensa alegria agradeço a Deus, o pai amoroso, que toca sempre uma linda sinfonia e que me permitiu cursar esse mestrado em teologia, uma pausa inesquecível na dança de minha vida.

Sem dúvida sou uma pessoa e profissional melhor, muito mais espiritualizada, após esse curso e essa pesquisa, por isso expresso minha profunda gratidão aos professores da EST, que tantas coisas importantes me ensinaram durante o curso.

Principalmente agradeço a querida professora Karin Kepler Wondracek, pela paciência, incentivo e competência na excelente orientação.

Aos queridos colegas de classe pelos alegres momentos compartilhados.

Ao querido amigo Celso Falaschi pelas sugestões, dicas e ajuda na construção desse trabalho.

A querida amiga Fabiola Gaspar pela amizade e pelo incentivo.

As queridas Sandra Caçado Silva, Ana Paula Simões Matias, colaboradoras da Integrarte e a Carolina, secretária da EST, pelo fundamental apoio.

Aos meus amados pais, amigos e familiares, que com sua presença embelezam a dança da minha vida.

De modo muito especial, expresso minha gratidão as minhas amadas filhas Karen e Ellen e ao meu amado filho João Francisco, pelo carinho e competência com que cuidaram de tudo durante minha ausência.

Dedico o presente trabalho, com todo amor e carinho, aos meus netos, João César e Karina, que chegaram e tornaram a dança da minha vida mais amorosa e feliz.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma discussão acerca da espiritualidade no mundo contemporâneo. Inicia por uma revisão bibliográfica no campo da Psicologia Humanista, centrada em autores como Rogers, Maslow, Frankl, Assagioli, e principalmente Carl Gustav Jung, criador da Psicologia Analítica, associando-os a teólogos como Otto Rudolf, Leloup, Tauler e Grün. É dado maior enfoque a Jung, por conta de seus postulados sobre a expressão simbólica por meio de atividades plásticas expressivas que, segundo ele, conduziriam à individuação, também chamada de autorrealização por outros psicólogos, ou ainda o encontro com o *Numinoso*, a *Imago Dei*, da Teologia. Depois, são analisadas as obras de Vincent Van Gogh como representativas de seu sofrimento psíquico, assim como as de Wassily Kandinsky, consideradas como um meio para acesso à sua espiritualidade. Por fim, essas teorias da Psicologia e da Teologia são direcionadas para a prática da Arteterapia de fundamentação junguiana e sua capacidade de levar os seres humanos à individuação ou ao encontro com sua espiritualidade suprema, por meio do resgate de dois estudos de caso, um deles desta própria autora e seu enfrentamento da *metanoia*.

Palavras-chave: Espiritualidade. Psicologia Humanista. Arte. Expressão Simbólica. Arteterapia.

ABSTRACT

This thesis presents a discussion about the spirituality of the contemporaneous world. It begins with a bibliographic review in the field of Humanist Psychology, centered on authors such as Rogers, Maslow, Frankl, Assagioli and mainly Carl Gustav Jung, creator of Analytical Psychology, associating them to theologians such as Otto Rudolf, Leloup, Tauler and Grün. Greater emphasis is given to Jung because of his postulates about symbolic expression through expressive plastic activities which, according to him, would lead to individuation, also called self-realization by other psychologists, or yet, the encounter with the *Numinous*, the *Imago Dei*, from Theology. Following this, the works of Vincent Van Gogh are analyzed as representatives of his psychic suffering, as are the works of Wassily Kandinsky, considered as a way to access his spirituality. Finally, these theories of Psychology and of Theology are directed toward the practice of Art Therapy with Jungian substantiation and its capacity to lead human beings to individuation or to the encounter with the person's higher spirituality through the recovery of two case studies, one of them of this author herself and her confrontation of *metanoia*.

Keywords: Spirituality. Humanist Psychology. Art. Symbolic Expression. Art Therapy.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Atelier com uma grande janela | 55 |
| Figura 2 - Ateliê sacudido..... | 55 |
| Figura 3 - Rachaduras no piso | 56 |
| Figura 4 - Tudo está desordenado..... | 56 |
| Figura 5 - Imagens circulares..... | 57 |
| Figura 6 - Transverse Line (ano: 1923)..... | 59 |
| Figura 7 - Composition VIII..... | 60 |
| Figura 8 - Composition X..... | 60 |
| Figura 9 - <i>Self Portrait With Felt Hat</i> | 61 |
| Figura 10 - Wheatfield with a Lark, 1887..... | 63 |
| Figura 11 - Autorretrato com a orelha cortada | 63 |
| Figura 12 - Girassóis..... | 64 |
| Figura 13 - A noite estrelada | 65 |
| Figura 14 - Campo de Trigo com Corvos | 67 |
| Figura 15 - Representação da cruz em trabalho arteterapêutico | 78 |
| Figura 16 - Cruz com o rubi ao centro..... | 79 |
| Figura 17 - Flor de lótus dourada..... | 81 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 21 |
| 1 O SER HUMANO E SUA ESPIRITUALIDADE | 25 |
| 1.1 Algumas teorias psicológicas humanistas | 25 |
| 1.2 A teoria junguiana | 27 |
| 1.2.1 <i>Jung, vida e pensamento</i> | 28 |
| 1.2.2 <i>Individuação</i> | 32 |
| 1.2.3 <i>Persona</i> | 35 |
| 1.2.4 <i>Sombra</i> | 37 |
| 1.2.5 <i>Símbolo</i> | 41 |
| 1.3 A função transcendente dos símbolos e o encontro com o Sagrado | 44 |
| 2 A ARTE COMO EXPRESSÃO SIMBÓLICA | 51 |
| 2.1 Nise da Silveira e o trabalho com imagens à luz da teoria junguiana | 52 |
| 2.2 Arte como expressão espiritual: o Kandinsky de Michel Henry | 57 |
| 2.3 Arte como expressão do sofrimento psíquico: a obra de Van Gogh | 60 |
| 3 O ENCONTRO COM O SAGRADO NA ARTETERAPIA ORIENTADA PELA TEORIA JUNGUIANA | 69 |
| 3.1 Conceitos básicos de Arteterapia orientada pela teoria junguiana | 69 |
| 3.2 A crise de identidade na interface entre Psicologia Analítica e Arteterapia | 72 |
| 3.3 Relato de experiências abordando o encontro com o Sagrado em Arteterapia | 75 |
| 3.4 Um percurso pessoal na Arteterapia | 79 |
| CONCLUSÃO | 83 |
| REFERÊNCIAS | 87 |

INTRODUÇÃO

Um grande número de pessoas está adoecendo na contemporaneidade, principalmente no Ocidente, onde impera uma sociedade que vive um neoliberalismo desenfreado, essencialmente consumista, pautado pelo consumo excessivo, acúmulo de capital e supressão de direitos humanos fundamentais. Sem que percebam claramente o que acontece, homens e mulheres, de todas as idades, experimentam o tédio, o vazio existencial, a falta de objetivos e sentido de vida; entram em depressão profunda, muitas vezes associada a quadros graves de ansiedade; consciente ou inconscientemente, privilegiam o ter em detrimento do ser. Ao imenso desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas, correspondeu uma marcante carência de introspecção. Ao lado das conquistas materiais, o ser humano precisa resgatar sua saúde para encontrar o equilíbrio interior e, com isso, se conectar com a espiritualidade que sempre fez parte de sua história.

Apesar desse quadro pouco animador, percebe-se, desde as últimas décadas do século passado, uma busca crescente por programas e práticas holísticas, indicando uma possível mudança nesse paradigma capitalista, uma espécie de orientalização do Ocidente, em que práticas meditativas do Oriente estão sendo introduzidas nas Américas e Europa, ao mesmo tempo em que culturas ancestrais ocidentais são resgatadas e em benefício desse mesmo caminho de encontro do eu interior.¹ Assim, mesmo diante do mundo tecnicista, ao buscar uma vida mais saudável e integrada, o ser humano coloca-se em busca da espiritualidade. Entenda-se aqui a espiritualidade como um modo contínuo de viver, como uma preocupação com o desenvolvimento interno, sem, contudo, estar necessariamente ligada a práticas dogmáticas de religião. Vários autores da Psicologia já se referem a essa dimensão humana. Citando Maria Glória Dittrich:

A saúde, que implica um estado humano de harmonia emocional-racional de um corpo-criante nas inter-relações entre o mundo e Deus,

¹ CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e sociedade*, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.

está ligada à espiritualidade que expressa uma maneira de ser vital-intencional do ser humano - a sua criatividade, expressão da autoafirmação da vida se expandindo no seu ser-no-mundo.²

O observador atento pode constatar que, paralelo ao culto ao corpo e à estética, tem crescido a busca pelo transcendental e a preocupação com o desenvolvimento interior. É cada vez mais frequente a busca pela transcendência, pela espiritualidade e religiosidade, invertendo o modelo anterior, com a valorização do ser em detrimento do ter.

Carl Rogers, Maslow, Frankl e Jung, teóricos do século passado, já consideravam fundamentais as questões existenciais. Esses psicólogos postularam que o autoconhecimento é importante para a subjetividade, para o encontro com o si-mesmo. Nesta dissertação, em particular, a proposta é estudar o retorno à espiritualidade com base nesses autores, mas principalmente, resgatar e discutir as ideias de Carl Gustav Jung (Suíça, 1875-1961) e sua interface com a Arteterapia.

Importante ressaltar, aqui, que, desde a graduação em Psicologia, nos encantamos pela teoria junguiana, principalmente por sentir que essa teoria estava em consonância com nossa busca pelo crescimento espiritual. Jung foi um teórico que pesquisou o fenômeno religioso e a espiritualidade humana e, por isso, foi criticado e acusado de místico. Ele acreditava em um instinto para a espiritualidade, para a religiosidade, ou seja, que essa é uma função natural e inerente ao ser humano. Mas não necessariamente a religiosidade dogmática. Para Jung, a religião e seu exercício é no sentido de *religio* (re ligare), portanto não tem ligação com confissões.³

Posteriormente, ampliamos sobremaneira nosso interesse por essa teoria ao cursar a formação em Arteterapia baseada na abordagem junguiana. Estávamos na época com 36 anos, vivenciando, de acordo com Jung, a *metanoia*, também chamada de crise da meia idade. Segundo Jung, em algum momento da vida, entre os 35 e 60 anos, as pessoas se questionam: Quem sou eu? Qual o objetivo da minha vida? E muitas vezes afirmam: “Tenho tudo, mas

² DITRICH, Maria Glória. A arteterapia: da criatividade e espiritualidade ao sentido de viver. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). *Espiritualidade e Saúde: da cura d'almas ao cuidado integral*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 50.

³ CARL, Jung Gustav. *Psicologia e Religião*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha; revisão técnica Dora Ferreira da Silva. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19.

não sou feliz”. Para ele, essas questões desencadeiam um processo que ele denominou de individuação, sobre o qual discorreremos mais à frente.

Assim, nossa proposta é a de resgatar e discutir as ideias de Carl Gustav Jung sobre a necessidade do ser humano buscar o retorno à sua espiritualidade latente. E como isso pode ser alcançado na sociedade contemporânea essencialmente capitalista, tecnicista e midiática, mediante uma interface dos postulados desse autor com a Arteterapia. Para tanto, nos ancoramos no estudo teórico da Psicologia Analítica, em outras pesquisas bibliográficas e na auto-observação decorrente de nossa prática arteterapêutica. Partimos do pressuposto que essas vivências podem se qualificar como de cunho espiritual, capazes de levar o ser humano ao encontro com o Sagrado, dentro de si e não nas experiências externas, isto porque essa prática terapêutica, como produtora de imagens espontâneas que emergem do inconsciente, possibilita a ampliação da consciência e a revelação de um instinto para o desenvolvimento espiritual, como compreendido por Carl Gustav Jung.⁴

O Capítulo I da presente dissertação, “O ser humano e sua espiritualidade”, divide-se em cinco tópicos de revisão bibliográfica, nos quais abordamos, resumidamente, algumas teorias humanistas, abrindo espaço para uma exploração mais ampla das ideias de Jung. Princípios com um breve perfil desse pensador suíço, porque sua própria história de vida serviu de arcabouço para suas pesquisas e conclusões acerca da busca incessante do ser humano pela espiritualidade. Apresentamos um plano geral da teoria junguiana e, na sequência, alguns de seus postulados mais pertinentes a esta dissertação, como Individuação, Persona, Sombra e Símbolos. No encerramento deste capítulo trazemos as considerações de Jung e outros autores acerca da função transcendente dos símbolos e o encontro com o Sagrado.

Para o Capítulo II, “A arte como expressão simbólica”, escolhemos tratar de três experiências e estudos acerca de como a arte pode ser compreendida como expressão não verbal de aspectos intrapsíquicos de fundo. O primeiro deles é uma das mais notáveis experiências já relatadas nessa linha e foi realizada, aqui no Brasil, pela médica psiquiatra Nise da Silveira com seus pacientes no

⁴ PALMER, Michael. *Freud e Jung sobre a religião*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2001. p. 157.

Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, e que deu origem ao internacionalmente conhecido Museu de Imagens do Inconsciente. Outro tópico é reservado aos estudos do filósofo francês Michel Henry acerca das obras do pintor russo Wassily Kandinsky. Não menos importante, uma abordagem da produção do holandês Vincent Van Gogh, mostrando a arte como manifestação de sofrimento psíquico, encerra esse capítulo.

Depois desse percurso teórico e de algumas reflexões, chegamos ao Capítulo 3, “O encontro com o Sagrado na Arteterapia orientada pela teoria junguiana”. Nele são apresentados alguns conceitos fundamentais da Arteterapia, desde seu surgimento nos Estados Unidos, no final da década de 1960, passando por sua chegada ao Brasil, em 1970, até os dias de hoje, com o reconhecimento dessa atividade como ocupação e formação acadêmica em nível de pós-graduação para profissionais de diferentes áreas, notadamente os da Psicologia e das Artes Plásticas. Depois, nos dedicamos ao relato de duas experiências que especificam o encontro com o Sagrado durante vivências nessa área. Uma delas foi conduzida pela arteterapeuta Sonia Maria Bufarah Tommasi, relatada em seu livro “Arte-terapia e Loucura”, e a outra, revela uma experiência pessoal desta pesquisadora.

Por último, nossas considerações finais apontam para a confirmação dos postulados da Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung, nessa contemporânea atividade de cura que é a Arteterapia, ambas procurando levar o ser humano fragmentado deste século à sua individuação. Tanto a Psicologia Analítica, quanto a Arteterapia, mostram que o trabalho com manifestações simbólicas do inconsciente, por meio de atividades plásticas expressivas, podem conduzir o ser humano ao encontro com sua espiritualidade, com o Sagrado, com a Imago Dei, com o *Numinoso* que se esconde em si mesmo, levando ao amadurecimento da personalidade, indispensável na atual sociedade capitalista, tecnicista e midiática da atualidade.

1 O SER HUMANO E SUA ESPIRITUALIDADE

1.1 Algumas teorias psicológicas humanistas

Inicialmente, cabe destacar que não apenas Jung via o ser humano pela ótica da espiritualidade. Dentre as teorias psicológicas proeminentes no século XX, várias apresentam a visão da importância da subjetividade humana e da espiritualidade para o desenvolvimento da personalidade. Destarte, o estudo de algumas teorias da Psicologia Humanista embasa este capítulo. Inicialmente alguns teóricos humanistas são apresentados, como Carl Rogers, Viktor Frankl, Abraham Maslow, Roberto Assagioli e Ken Wilber, com o objetivo de mostrar que se trata de um movimento geral da cultura de resgatar a importância da espiritualidade. Mas, sobretudo, é abordada a teoria junguiana, também chamada de Psicologia Analítica.

Um breve perfil historiográfico de Carl Gustav Jung é relatado para que melhor se compreenda suas pesquisas e observações do comportamento humano entre os séculos XIX e XX. Depois são apresentados os principais pressupostos de sua teoria, como individuação, persona, sombra e, principalmente, o estudo e compreensão dos símbolos na arte plástica expressiva com fins terapêuticos, essencial para o desenvolvimento e compreensão da Arteterapia.

Um renomado psicólogo humanista que comungava com a visão do ser humano como portador de potencial para o desenvolvimento foi o norte-americano Carl Ransom Rogers (1902-1987). Rogers possuía uma forte crença de que a personalidade humana possui um âmago positivo, sendo, portanto, o indivíduo portador de recursos para uma mudança construtiva. Ele dizia que “a sociedade deve libertar o indivíduo e todos os homens e mulheres possuem dentro de si os recursos para uma mudança construtiva”.⁵

Além de destacar a importância da subjetividade, Rogers compreendia que as pessoas só se modificam para melhor se conseguem um verdadeiro *insight*, ou introspecção de sua condição. Para esse psicólogo, o ser humano possui intuições dentro de si. Portanto, durante o processo terapêutico o cliente:

⁵ ROGERS, Carl R. *Tornar-se Pessoa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 91.

Não tarda a compreender que suas reações e experiências internas, as mensagens de seus sentimentos e de suas vísceras, são amigas. Começa a querer estar próximo das suas fontes internas de informação mais do que permanecer fechado a elas.⁶

De modo geral, Rogers apresentou uma visão positiva do ser humano, visto que acreditou que a natureza humana é essencialmente boa, sempre avança em uma direção construtiva e que existe um impulso intrínseco para o crescimento.⁷

Outro teórico que visualizou uma dimensão espiritual no ser humano foi Viktor Frankl (1905-1997), o vienense fundador da “Logoterapia.” Frankl trata de uma terapia que procura fazer aflorar a “significação” na vida do ser humano, levando a busca pela mudança construtiva para a área do significado da experiência humana e de suas dimensões espirituais. Esse autor postulou a existência de um “inconsciente espiritual” e de um “Deus inconsciente” no ser humano.⁸

A parte espiritual é básica e muito importante para Viktor Frankl. Ele priorizou o espiritual quando disse: “o físico possibilita a ativação psicológica de uma exigência espiritual”. Portanto, ele incluiu o aspecto espiritual, bem como o instintivo, dentro do conceito de inconsciente. Frankl estabeleceu que existe um núcleo espiritual na personalidade, aderiu ao conceito da existência de um “Deus inconsciente”, no entanto, para ele, os indivíduos sempre possuem a condição de escolha e responsabilidade.⁹

Já Abraham Maslow (1908-1970), psicólogo norte-americano, foi além do humanismo e existencialismo. Ao abordar as necessidades do ser humano, deu origem à “psicologia do ser”. Ele apresenta uma hierarquia de necessidades, sob as quais todo ser humano é submetido. Para ele, o ser humano tem sempre necessidade de algo, ou até mesmo de alguém maior que ele. Isso é muito bem exemplificado com a própria declaração de Maslow: “O ser humano precisa de um paradigma de valores, uma filosofia de vida, uma religião por que possa viver e vir a compreender, aproximadamente da mesma maneira que precisa da luz do sol, do cálcio ou do amor”.¹⁰

⁶ ROGERS, 1997, p. 197.

⁷ ROGERS, 1997, p. 197.

⁸ FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 51, 68, 116.

⁹ AQUINO, Thiago A. Avellar de. *A Presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 79.

¹⁰ MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, s.d. p. 206.

Também é pertinente citar a Psicossíntese, do italiano Roberto Assagioli (1888-1974), que fala na existência de um “Eu superior”, com o qual o indivíduo deve dialogar rumo à unidade. Para a Psicossíntese, quando o ser humano encontra o “centro unificador”, ele precisa construir em torno disso uma “nova personalidade”, o que pode ser facilitado através de técnicas e práticas específicas:

Tal reconstrução requer tanto um programa interior quanto técnicas práticas. O “programa interior” poderá estar totalmente no nível do desenvolvimento e do aperfeiçoamento da personalidade (psicossíntese) ou abranger a psicossíntese espiritual, atingindo e penetrando o superconsciente para buscar uma unificação crescente entre o eu pessoal e o Eu Superior.¹¹

Como desdobramento coerente e lógico da Psicossíntese, Hurding aponta o pensamento do norte-americano Ken Wilber (1949). Ele o considera o mais importante escritor do mundo no campo da consciência e da Psicologia Transpessoal. Descreve-o como o introdutor do conceito de “eu em transcendência”. Hurding relata sobre o pensamento de Wilber:

Tendo alcançado certo grau de integração entre o corpo e o ego, a pessoa se vê livre para ir além de seu “eu consciente”. Nesse aspecto, o pensamento de Wilber encontra paralelos na exploração dos arquétipos de Jung, e na busca do “Eu superior”, de Assagioli. Wilber vê o “eu transcendente” como “um centro e uma expansão da consciência, a qual está criativamente separada da mente, do corpo, das emoções, dos pensamentos e dos sentimentos pessoais de um indivíduo.”¹²

Como visto até aqui, o século XX caracterizou-se por produzir diversas teorias psicoterápicas que integraram a dimensão espiritual. Após esse breve panorama, queremos nos voltar para Carl Gustav Jung, pioneiro nessa integração e principal referência desta dissertação.

1.2 A teoria junguiana

Sempre foi e continua sendo uma tarefa difícil, mas importante, desvelar os mistérios da psique humana. Nesse sentido, as ideias de Jung encontram um importante lugar no âmago dos debates intelectuais de nossa era, uma vez que ele é constantemente citado por grandes pensadores. Jung apresenta a ideia de

¹¹ HURDING, Roger F. *A árvore da cura: fundamentos psicológicos e bíblicos para o aconselhamento cristão e cuidado pastoral*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 187.

¹² HURDING, 1995, p. 197.

um inconsciente arcaico e criativo, fonte de sabedoria, uma enriquecedora visão da alma humana. Foi um verdadeiro empirista, pois baseou suas ideias na própria experiência e na observação do processo de seus pacientes. Ele construiu um modelo da psique humana no qual se pode observar um lugar para a necessidade de um propósito mais alto e de realização espiritual. Jung já visualizava a Massificação versus Individuação um século atrás.¹³

É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa: aquele que a tem possui, qual inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade. Ele tem *pistis* e paz. [...] O que cura a neurose deve ser tão convincente quanto a própria neurose, e como esta é demasiado real, a experiência benéfica deve ser dotada de uma realidade equivalente.¹⁴

1.2.1 Jung, vida e pensamento

Carl Gustav Jung nasceu no dia 26 de julho de 1875, na pequena aldeia Kesswill, na região nordeste da Suíça. Recebeu seu nome em homenagem ao avô, um reconhecido médico, professor de medicina da Universidade de Basileia. Foi o único sobrevivente dos filhos homens de um pastor suíço reformado, pois antes de seu nascimento dois irmãos haviam morrido ainda na primeira infância e a irmã de Jung só nasceu quando ele já estava com nove anos.¹⁵

Em 1957, escreveu sua autobiografia já aos 82 anos de idade, que foi publicada em 1961, o ano de sua morte, com o título de “Memórias, Sonhos e Reflexões”. Nesta, além de relatar fatos de sua vida, ele analisa como chegou ao seu desenvolvimento intelectual, conta seus sonhos, visões e experiências espirituais que fundamentaram sua teoria.¹⁶

As ideias de Jung se baseiam em sua experiência própria e de seus clientes, portanto, ele foi um empirista. Conheceu e estudou diversas culturas, pesquisou sobre o pensamento oriental, sobre alquimia e astrologia. Por isso, é muitas vezes criticado na academia, que ainda não lhe outorga o lugar que

¹³ CLARK, J. J. *Em busca de Jung: Indagações Históricas e filosóficas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. p. 12.

¹⁴ JUNG, 2011, p. 130.

¹⁵ CALVIN, S. Hall; NORDBY, Vernon J. *Introdução à Psicologia Junguiana*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2009. p. 9.

¹⁶ JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

merece na história do pensamento moderno, apesar de suas ideias terem encontrado bastante popularidade nos anos mais recentes e estarem encontrando um papel importante no cerne dos debates intelectuais da atualidade.¹⁷

Para ele, a terapia visava a autorrealização, a transformação espiritual e a experiência da plenitude do lado transcendente da vida. Ele buscava principalmente a cura da alma e não apenas a dos sintomas e a adaptação da personalidade. Jung foi um grande psicólogo e psiquiatra, demonstrou que para a saúde mental torna-se necessário que o indivíduo siga o processo de individuação, entrando em contato com o Centro interior, denominado por ele *Self*, e assim, “religar-se à sua função espiritual e comprometer-se com a jornada do crescimento espiritual”.¹⁸

Jung formulou um modelo de psique humana que contem a necessidade de realização espiritual. Concebia a Libido ou Energia Psíquica não apenas ligada à sexualidade, conforme apresentava Freud. A via como um *quantum*, que se explica sob diferentes formas, desde a sobrevivência, o poder, o sexo, a fome, a sede, o conhecimento e a espiritualidade, que, como busca de sentido, foi fundamental na teoria que ficou conhecida como Psicologia Analítica. Jung considerava esse exercício de religar-se à função espiritual como um fenômeno universal, por ser encontrado em locais diferentes, em diversos povos e tribos, desde épocas muito antigas. “Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: “*religio*”, poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação cuidadosas* de certos fatores dinâmicos”.¹⁹

Para Jung, a religião é uma função da psique e é sempre o contato com o *Numinoso*. A alma, para esse teórico, possui uma função natural religiosa, nem sempre compreendida:

Todavia, quando demonstro que a alma possui uma função religiosa natural, quando reafirmo que a tarefa mais nobre de toda educação (do adulto) é de transpor para a consciência o arquétipo da imagem de Deus, suas

¹⁷ CLARK, 1993, p. 11.

¹⁸ SILVA, Leonardo Machado da; MÜLLER, Marisa Campio; WALLIG, Martha et al. *Psicologia Positiva, Espiritualidade e Saúde: repercussões na psicologia contemporânea*. In: TEIXEIRA, Evilágio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa (Orgs.). *Espiritualidade e Saúde*. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2016. p. 38.

¹⁹ JUNG, 2011, p. 20.

irradiações e efeitos, são justamente os teólogos que me atacam e me acusam de psicologismo. Se os valores supremos não estivessem depositados na alma tal como mostra a experiência, sem eliminar o antinomom pneuma (o espírito da contrafação, que também está presente), a psique não me interessaria absolutamente, pois nesse caso a alma não passaria de um miserável vapor. Sei, porém, através de centenas de experiências, que não é este o caso. Ela contém e corresponde a tudo que o dogma formulou a seu respeito e mais ainda, aquilo que torna a alma capaz de ser um olho destinado a contemplar a luz. Isto requer, de sua parte, uma extensão ilimitada e uma profundidade insondável. Já fui acusado de “deificar a alma”. Não fui eu, mas o próprio Deus quem a deificou! Não fui eu quem atribuiu uma função religiosa à alma; simplesmente apresentei os fatos que provam ser a alma “naturaliter religiosa”, isto é, dotada de uma função religiosa: função esta que não inventei, nem coloquei arbitrariamente nela, mas que ela produz por si mesma, sem ser influenciada por qualquer ideia ou sugestão.²⁰

Também em conformidade com a ideia de Jung, está o pensamento de Paul Tillich (1886-1965), teólogo luterano, alemão-estadunidense e filósofo da religião. Os dois igualmente acreditam que na estrutura da alma humana encontra-se inserida a natureza religiosa, que é expressa na consciência que nasce dessa profundidade.²¹

Considerando o pensamento geral de Tillich, pode-se dizer que ele equipara a experiência e realidade do infinito com a experiência e a realidade de Deus. Para Tillich o fato de dizer que a presença “de um elemento do infinito no homem” possibilita a fé, equivale a afirmar que a experiência humana de Deus é possível através da presença de Deus no ser e na consciência do homem.²²

Em outras palavras, para esse teólogo é devido ao ser humano fazer parte do ser divino que ele pode ter a percepção de Deus. Sob o ponto de vista da Teologia, Tillich tem a mesma percepção de Jung, quando esse, do ponto de vista da Psicologia, aponta a origem da experiência religiosa na experiência do *Numinoso*. Segundo Dourley, tanto Jung quanto Tillich reafirmam os pontos da tradição platônica-cristã que indicam uma presença de Deus interior no homem.²³

Demonstrando como a sua experiência profissional apontou a importância do fenômeno religioso na vida do ser humano em uma Conferência Sobre a Relação entre a Psicoterapia e a Direção Espiritual, Jung afirma:

Entre todos os meus doentes na segunda metade da vida, isto é, tendo mais de trinta e cinco anos, não houve um só cujo problema mais profundo

²⁰ JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. Trad. Maria Luiza Appy, Margaret Makaray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 24.

²¹ DOURLEY, John P. *A psique como Sacramento*: C.G. Jung e P. Tillich. Trad. Elisabeth G. M. L. Jansen. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 9.

²² DOURLEY, 1985, p. 26.

²³ DOURLEY, 1985.

não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa. Todos, em última instância, estavam doentes por ter perdido aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isto, está claro, não depende absolutamente de adesão a um credo particular ou de tornar-se membro de uma igreja.²⁴

No volume sete de sua obra Jung escreveu: “[...] o Si-mesmo está para o eu, assim como o sol está para a terra”.²⁵

Ainda de acordo com Jung, o Si-mesmo, o *Self*, essa instância psíquica, carrega a imagem da divindade presente no inconsciente de todo ser humano. No *Self* projetamos a divindade, o Sagrado, ele ordena e regula a personalidade total, aporta para a consciência conteúdos do inconsciente, símbolos que surgem em sonhos, em imagens plásticas e em sincronicidades, por exemplo, que possibilitam o desenvolvimento da personalidade.²⁶

Segundo Jung, o *Self* é que promove a função transcendente que une o ego ao inconsciente, ou seja, o ser humano a Deus. A função psicológica “transcendente” resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes.²⁷ Faz-se mister apontar que, para Jung, o ego fornece identidade e continuidade ao indivíduo, ocupa apenas uma pequena parte da psique total, ele é o vigia da consciência, organiza a mente consciente, que são as percepções conscientes, recordações, pensamentos e sentimentos. “A pessoa só poderá individualizar-se na medida em que o ego permitir que as experiências recebidas fiquem conscientes”.²⁸

No capítulo três do livro “O Homem e seus símbolos”, organizado por Carl Gustav Jung, Marie Luise von Franz (1915-1998), Ph.D em línguas clássicas pela Universidade de Zurich, psicoterapeuta analítica, pesquisadora e escritora da Alemanha, mas ativa na Suíça, apresenta o processo de individuação postulado por Jung como um processo de crescimento e maturação da personalidade. Afirma a crença de que esse processo é passível para todo ser humano, ocorre de maneira instintiva, espontânea e subsiste à natureza humana inata. Porém, aponta que é necessário que o indivíduo esteja

²⁴ JUNG, Carl Gustav. *Espiritualidade e Transcendência*. Seleção e edição de Brigitte Dorst; Trad. e introdução de Nélcio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 157.

²⁵ JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Trad. Dora Ferreira da Silva. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 129.

²⁶ ROBERTSON, Robin. *Guia Prático de psicologia Junguiana*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 164.

²⁷ GRINBER, Luiz Paulo. *Jung o Homem Criativo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003. p. 192.

²⁸ CALVIN, 2009, p. 27.

consciente dele e interaja com ele, para que seja realmente transformador. É preciso uma confrontação, um diálogo do consciente com o inconsciente. Portanto, dentro dessa visão, é passível que o ser humano participe conscientemente de seu desenvolvimento. No entanto, o crescimento psíquico é um fenômeno involuntário e natural, não pode ser realizado por esforço ou vontade consciente, mas o ego deve estar atento e se entregar ao impulso interior de crescimento.²⁹

Esta premissa voltará a ser abordada mais à frente por ser de extrema importância para este estudo, visto que no processo arteterapêutico é necessário que o ego se conscientize do processo de crescimento psíquico e o aceite.

1.2.2 *Individuação*

O objetivo do processo de individuação, descrito por Jung, é que o Ser se torne quem realmente ele é. Anteriormente essa ideia já havia sido postulada por Píndaro. Ele dizia: “torna-te quem és”. Aristóteles afirmava que a coisa criada tem em si a forma que lhe é única e a vida deveria conduzir a essa forma própria. Assim como a semente de uma árvore o ser humano traz em si todo seu potencial, acreditava Jung.³⁰

A individuação é considerada como processo amadurecedor da personalidade, como “a aceitação e o vivenciamento por parte do indivíduo de sua própria natureza específica, o tornar-se mais e mais o que realmente é, o vivenciamento de sua própria verdade”. De acordo com Hurding, assim a individuação foi definida por Christopher Bryant, membro da Sociedade de Padres Missionários, comunidade religiosa anglicana, fundada em Oxford em 1865, autor do livro “Jung e o Cristianismo”.³¹

Neste estudo é importante destacar que, para Jung, no decorrer do processo de individuação, a pessoa pode subjetivamente sentir que o desenvolvimento está sendo conduzido por uma intervenção ativa e criadora.

²⁹ FRANZ, Marie-Louise von. O processo de Individuação. In: JUNG, Carl Gustav (Org.) *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinto. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 160.

³⁰ VERENA, Kast. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicologia junguiana*. Trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 9.

³¹ HURDING, 1995, p. 398.

Morton Kelsey (1917-2001), sacerdote e conselheiro episcopal, terapeuta junguiano e autor do livro “Encontro com Deus”, que, inclusive, passou uma temporada em Zurique estudando com Jung³², escreveu: “por meio de sonhos, alguma realidade interior profunda maior que minha psique está tentando ajudar-me a alcançar meu destino”.³³ Demonstra, assim, a crença em que o psiquismo é regido pela Lei da autorregulação e que além da repressão, o inconsciente, inteligentemente, busca a compensação de atitudes conscientes, nos enviando mensagens, objetivando nos conscientizar de nossos aspectos inconscientes.

Muito recente, em 2010, foi publicado “O Livro Vermelho”, fruto do trabalho de Jung de 1914 a 1930. Nele, temos acesso a imagens e imaginações ativas do próprio Jung e ao estudo no qual ele procura compreender o que essas imagens significam. Através desse trabalho, Jung afirma que pôde recuperar sua alma e superar o mal-estar contemporâneo da alienação espiritual. A partir dessas elaborações, renasce na alma dele uma nova imagem de Deus, e assim pôde desenvolver uma nova cosmologia psicológica e teológica. O conteúdo desse livro é muito importante, pois demonstra o processo de individuação do próprio Jung e nos apresenta o protótipo da concepção dele desse processo, considerado por ele como a forma universal do desenvolvimento psicológico individual.³⁴

Em 1961, a Dra. Von Franz, afirmou que esse processo é inato, instintivo, ocorrendo de maneira espontânea e inconsciente e é comandado pelo próprio *Self*, arquétipo psíquico, que é, para essa autora, bem como para Jung, o centro regulador e integrador da personalidade e ao mesmo tempo a personalidade como um todo. Para os analistas junguianos, o *Self*, também denominado Si-mesmo, provoca um constante amadurecimento e crescimento da personalidade. “O meio da vida é o momento de maior expansão, quando o homem ainda se entrega com todas as forças e com toda a vontade de trabalho. Mas, nesse mesmo momento nasce a noite, e tem início a segunda metade da vida”.³⁵

³² MOTON, Kelsey. Disponível em: <https://en.wikiquote.org/wiki/Morton_Kelsey>. Acesso em: 15 jun. 2017.

³³ HURDING, 1995, p. 405.

³⁴ JUNG, Carl Gustav. *O Livro vermelho*. Edição e introdução de Sonu Shamdasani. Trad. Edgar Orth. Revisão de tradução Walter Boechat. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 207.

³⁵ FRANZ, 1964, p. 161.

Com a afirmação que nessa época nasce a noite, Jung quer dizer que o indivíduo, no meio da vida, de repente fica sem energia, sem perspectivas, sem dinamismo ou ambição. Pode ocorrer depressão, mau humor ou a presença de todos os sintomas de uma neurose aguda. Assim, ele postula sobre a crise da meia idade, a qual chamou de *metanoia*.³⁶

Porém, é preocupante quando isso não acontece, pois é um processo natural, pelo qual todos, em algum momento, vão passar. É um chamado do *Self*, para o despertar, para o encontro de um modo de vida mais satisfatório, é a psique impelindo o indivíduo para um novo nível de consciência. Para Jung, a verdadeira cura das neuroses está na abordagem do *Numinoso* e não apenas no tratamento dessa. Isto é, como já apontado anteriormente nessa pesquisa, a cura da neurose acontece a partir de uma experiência benéfica devidamente forte que a contraponha. Para Jung, isso é possível a partir de uma profunda vivência espiritual.³⁷

A vida de Cristo, para Jung, representa o processo de individuação e o “*Self* esse centro integrador da personalidade, que procura fomentar o crescimento do indivíduo é a imagem da divindade de que a Bíblia nos diz que somos a sua imagem e semelhança; simboliza também Cristo para o cristão, encarnação da Divindade, o Sagrado”.³⁸ Assim como Jung acreditava em uma imagem divina interior no ser humano, Santo Agostinho também apresentou essa ideia. Ele já dizia: “A imagem divina é interior; não está no corpo. Onde está o intelecto, a mente, a razão, a qual compete investigar a verdade, aí Deus tem a sua imagem”.³⁹

De acordo com Jung, a análise leva paulatinamente para além do ego, para o *Self*, para essa imagem divina. Como já dito, mas vale ressaltar, o *Self* é entendido por Jung como o centro maior da personalidade e ao mesmo tempo a personalidade como um todo. Ele é um arquétipo presente no inconsciente de todo ser humano. Como símbolo, o *Self* é a representação interior da divindade, que guia todo o desenvolvimento do ego, sendo a meta final do desenvolvimento psíquico a totalidade do homem. Ele considerava esse exercício como um fenômeno universal, por ser encontrado em locais diferentes, em diversos povos e

³⁶ GRINBER, 2003, p. 72.

³⁷ JUNG, 2001, p. 131.

³⁸ LEPARGNEUR, Hubert; SILVA, Dora Ferreira da. *Tauler e Jung: o caminho para o centro*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 18.

³⁹ LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 73.

tribos, desde épocas muito antigas. Portanto, um processo instintivo, mas que pode ser facilitado em um contexto terapêutico, assim como é realizado em um processo de Arteterapia.

Ainda de acordo com Jung, o *Self*, essa instância psíquica, carrega a imagem da divindade presente no inconsciente de todo ser humano. No *Self* projetamos a divindade, ele ordena e regula a personalidade total, aporta para a consciência conteúdos do inconsciente, símbolos que surgem em sonhos, em imagens plásticas e em sincronicidades, por exemplo, que possibilitam o desenvolvimento da personalidade.⁴⁰ O *Self* é que promove o que Jung denominou de função transcendente, que une o ego ao inconsciente. A função psicológica “transcendente” resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes.⁴¹

O inconsciente, para Jung, possui um potencial criativo e interpretativo.⁴² Ele acredita que o inconsciente é muito importante e a jornada da autorrealização, chamada individuação, só pode ser empreendida por meio de uma comunicação viva com os conteúdos do inconsciente. Esse é um pressuposto básico da teoria junguiana: a *Enantiodromia*, o equilíbrio dos opostos, persona/sombra, animus/anima, a integração de aspectos do inconsciente à consciência, resultando no desenvolvimento da personalidade, descrito como processo de individuação.⁴³ É de fundamental importância no caminho da individuação, o trabalho com a persona, sobre a qual explanaremos a seguir.

1.2.3 Persona

Em 1921 Jung publicou a obra “*Tipos Psicológicos*”⁴⁴, na qual definiu o termo persona, que é propriedade intelectual dele. Para ele, persona é o que mostramos para o mundo exterior. É a face que apresentamos, que desenvolvemos para lidar com o mundo. É natural o ser humano ter persona, pois trata-se de um complexo que existe como uma maneira de nos adaptarmos

⁴⁰ PALMER, 2001, p. 192.

⁴¹ GRINBERG, 2003, p. 192.

⁴² JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da psique*. Trad. Mateus Ramalho Rocha. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 131.

⁴³ JUNG, 2011, p. 67.

⁴⁴ JUNG, Carl Gustav. *Tipos Psicológicos*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 426.

ao ambiente que nos cerca. Complexo, para Jung, são vários conteúdos com uma carga afetiva que se unem formando um aglomerado. “São autônomos, possuem força propulsora própria e podem atuar de modo intenso no controle de nossos pensamentos e comportamentos”.⁴⁵

Assim, Jung denominou a persona de “complexo funcional” porque facilita o nosso funcionamento. É constituída por imitação ou sugestão, no período de crescimento, quando procuramos atender às expectativas de nossos pais, dos professores e da sociedade. São nossas descrições vindas do exterior, “mãe”, “advogado”, “professor”, “médico” e outras, são os papéis que representamos, que são necessários para nossa adaptação na sociedade, ou seja, que aprendemos durante o convívio social.⁴⁶

Personas são as atitudes, semblantes que assumimos para correspondermos ao que a sociedade espera de nós, para atendermos às exigências dela. É um aspecto da psique coletiva, uma visão ideal de nós mesmos, mas é apenas uma parte da personalidade. Somos muito mais do que nossa persona.

A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. [...] A construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro auto sacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona. Isto leva certas pessoas a acreditarem ser aquilo que imaginam ser.⁴⁷

Os problemas com a persona surgem quando nos identificamos com ela, ou quando assumimos uma forma unilateral e rígida para nos escondermos na persona. Também é problemático quando assumimos uma personalidade que não se adapta ou uma postura incompatível com as qualidades que queremos ostentar.

Uma persona rígida, que gruda, é sinal de doença. No desenvolvimento psicológico normal ocorre a diferenciação entre o ego e a persona. O fracasso, nessa diferenciação, é o denominado ego frágil, separado das intenções do *Self*. “O problema da persona é uma sobre identificação com a função, com o

⁴⁵ CALVIN, 2009, p. 29.

⁴⁶ JUNG, 2011, p. 45.

⁴⁷ JUNG, 2011, p. 82.

relacionamento, com o vício ou com a virtude, com a qualidade ou com qualquer aspecto da personalidade” [...].⁴⁸

Para Jung, quando a persona se sobrepõe à individualidade sente-se as consequências:

A tentativa de fazer isto provoca, nos casos mais comuns, reações inconscientes na forma de mau humores, sentimentos, fobias, ideias obsessivas, vícios antigos e repetitivos, etc. [...] Uma oposição força o caminho de dentro para fora; é exatamente como se o inconsciente suprimisse o ego com o mesmo poder que dirigiu o mesmo para dentro da persona. A ausência de resistência externa contra o engodo da persona significa uma fraqueza interna similar contra a influência do inconsciente”.⁴⁹

Persona era o nome dado às máscaras usadas pelos atores na antiguidade. Porém, a máscara tanto pode expressar quanto esconder. Quando sentimos que somos mais do que apresentamos à sociedade, podemos entrar em crise, buscando nossa verdadeira identidade. E é nessa crise que podemos encontrar o caminho que nos levará ao nosso verdadeiro ser, ao encontro com nossa espiritualidade, após analisar nossas personas e conhecer outra dimensão da personalidade, a nossa sombra, da qual falaremos agora.

1.2.4 Sombra

A sombra mantém uma relação compensatória com a persona. Quanto mais rígida a atitude consciente, mais forte a compensação inconsciente. Jung ressalta que durante o processo analítico, é necessário trazer para a consciência conteúdos do inconsciente pessoal, sendo para ele, a primeira etapa desse processo “a integração da sombra”.⁵⁰

Podemos dizer que a sombra é tudo o que está em nosso inconsciente. Nele encontramos aspectos rejeitados, incompatíveis com a vida consciente:

Em geral tendemos a esconder e a afastar de nossa consciência e dos outros, tudo o que é demoníaco em nós mesmos: sentimentos de poder, ideias cruéis e assassinas, impulsos asquerosos e ações moralmente condenáveis. Ou, então, escondemos aquilo que a cultura considera feio e desadaptado, nossas fraquezas e os sentimentos que podem trazer frustração: inveja, cobiça, ambição, ciúme, desamparo, impotência,

⁴⁸ JUNG, 2011, p. 175.

⁴⁹ JUNG, 2011, p. 175.

⁵⁰ JUNG, Carl Gustav. *Aion – Estudo sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. 8. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2011. p. 35.

derrota, solidão, sofrimento. Escondemos também a dor de conviver com esses sentimentos.⁵¹

Entretanto, na sombra também existem habilidades e potenciais não reconhecidos conscientemente. Considerando esse aspecto, a sombra contém os instintos básicos ou normais e é fonte de ideias e respostas adequadas importantes para a sobrevivência. Ela é um arquétipo oriundo do inconsciente coletivo, valioso porque pode reter imagens e ideias importantes para o indivíduo.

O inconsciente coletivo é uma instância psíquica que possui conteúdos, chamados de arquétipos, formas que estão presentes em todo tempo e em todo lugar, porém nunca estiveram na consciência, portanto não foram adquiridos individualmente, pois devem sua existência apenas à hereditariedade, representam o modelo básico do comportamento instintivo.

O inconsciente coletivo significa que a consciência é tudo menos uma tábua rasa, um lençol branco, conforme cita Locke, mas é influenciado no mais alto grau por predisposições herdadas. Abrange a vida psíquica de nossos ancestrais, retroagindo até os primórdios mais remotos.⁵²

Ao contrário, os conteúdos do inconsciente pessoal, chamados de complexos, vão surgindo à medida que ocorrem as experiências pessoais e vão desaparecendo da consciência quando são esquecidos ou reprimidos.⁵³

Apontamos que à medida que temos uma experiência pessoal, o molde de certo arquétipo, relacionado com essa experiência é preenchido e esse arquétipo passa a ser o núcleo de nosso complexo, formando nossa sombra, ou melhor, nosso inconsciente pessoal. No livro “Aion”, Jung afirma que somente com a tomada de consciência do inconsciente pessoal, ou seja, a integração da sombra, podemos nos conhecer e nos tornarmos seres mais inteiros.⁵⁴

Então podemos entender pelo exposto que é o confronto e a integração da sombra que produz o autoconhecimento e possibilita mudanças na personalidade, nos aproxima do nosso verdadeiro Ser, do Divino, do *Numinoso*, do Sagrado em nós. “O homem que convive com seus instintos também pode

⁵¹ GRINBERG, 2003, p. 145.

⁵² JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*: dois escritos sobre psicologia analítica. Trad. Maria Luiza Appy. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 129.

⁵³ JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 51.

⁵⁴ JUNG, 2011, p. 19.

destacar-se deles, de um modo natural”.⁵⁵ Não se trata de venerar nossa sombra, nossos vícios, nossos defeitos, mas sim de reconhecê-los para que possam ser transformados. Nos tornamos mais inteiros quando não rejeitamos ou negamos elementos de nossa vida obscura e pelo contrário os acolhemos. “É preciso dar ao mal dentro de nós seu devido lugar. Dar lugar ao absurdo, ao desespero, sabendo que eles não são o todo de nós mesmos”.⁵⁶ O trabalho com nossa sombra é necessário para nos tornarmos seres autênticos.

Jean Yves Leloup, na introdução do livro “Terapeutas do Deserto”, comenta que uma experiência numinosa ou espiritual é aquela que nos aproxima da nossa sombra. Ele afirma: “O *Numinoso* nos fascina porque descobrimos a nossa realidade verdadeira e, ao mesmo tempo, faz-nos medo porque questiona o nosso modo de ser habitual de vida e de consciência”. Os mitos e contos de fadas nos falam desse processo, quando contam a história do herói que enfrenta seus medos, seus monstros interiores. Mas só depois de enfrentá-los ele encontra o tesouro, ou seja, nasce o ser autêntico, o ser centrado no ser Essência.⁵⁷

Importante comentar que esse é um processo inverso ao que postulam algumas religiões que visam ocultar a sombra pelo conceito de purificação. E é devido a essas ideias que o ser reprime os vários tipos de sombra, reprime o instintivo, a agressividade, a sexualidade, o feminino, a individualidade criadora, a espiritualidade, por exemplo. Mas tudo o que é reprimido em algum momento volta à consciência.

Vale lembrar que para Sigmund Freud (1856-1939), em “Futuro de uma ilusão”, religião faz parte da “neurose da humanidade”, mediante a qual vários impulsos são reprimidos e voltam na forma de sintomas com coloração religiosa. Considera, assim, a religião como neurose sexual.⁵⁸ Jung também acredita que existem casos nos quais a religião possa ser neurótica conforme descrito por Freud, pois existem comportamentos religiosos resultantes do recalque. No

⁵⁵ JUNG, Carl Gustav. Richard Wilhelm. *O segredo da flor de ouro*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 60.

⁵⁶ LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürchein*. Trad. Pierre Weil. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 106.

⁵⁷ LELOUP; BOFF, 2012, p. 106.

⁵⁸ FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*: edição Standart Brasileira. Trad. Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 15-66.

entanto, para ele, a neurose é proveniente de um desequilíbrio na distribuição da energia psíquica, energia esta que não considera como somente sexual, e não é, portanto, somente o instinto sexual reprimido o responsável pela neurose conforme postulou Freud. Isto quer dizer que o impulso sexual não é a única dinâmica presente na neurose, pois ele é apenas um exemplo de transformação da energia psíquica. Sobretudo, Jung concebe a religiosidade com possibilidades sanadoras, se levar a integrar as dimensões reprimidas na forma de sombra, pode ser terapêutica na medida em que o indivíduo busca o autoconhecimento, a autorregulação e a autorrealização. Além disso, acredita que uma neurose, tendo ou não forma religiosa, é positiva para o desenvolvimento psíquico, pois pode trazer à tona a face criativa do inconsciente.⁵⁹

Procurando fazer jus aos fatos atuais, citamos a fala de Léon Bonaventure, no prefácio do livro “A Individuação nos Contos de Fada”:

O fato de duas editoras católicas se terem empenhado em publicar, em português, as Obras Completas de C. G. Jung e de seus seguidores parece-me bem significativo. Se é fato que nos últimos vinte anos a Igreja Católica no Brasil se abriu, sensibilizou e engajou mais na realidade social, também é fato que nesses últimos anos houve uma grande abertura à realidade vivida da alma e da interioridade.⁶⁰

Também para Leonardo Boff, é imprescindível para o verdadeiro cristão a integração da sombra, como constatado por Jung:

Se nós não convivemos com a nossa sombra somos caolhos, com um olho só, somos divididos, não incorporamos nossa outra metade e acabamos sendo cruéis e sem piedade para com os outros. Duros, cobradores e torturadores. [...] No entanto, o caminho espiritual propõe o cristianismo como um caminho de grande bondade, compaixão extrema e infinita abertura a Deus e aos demais.⁶¹

Vem ao encontro desse pensamento a espiritualidade apresentada pelos padres do deserto, os primeiros monges que viveram por volta dos anos 300 a 600 d.c. O frei Anselm Grün, doutor em teologia, inspirando-se na rica fonte da espiritualidade cristã, vivida por esses primeiros monges que ansiavam por Deus, e por isso viviam verdadeiramente uma “espiritualidade a partir da base”,

⁵⁹ PALMER, 2001, p. 142.

⁶⁰ FRANZ, Marie-Louise Von. Tradução: Eunice Katunda. *A individuação nos contos de fada*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 9.

⁶¹ LELOUP; BOFF, 2012, p. 131.

afirma a necessidade que tem a coragem de olhar para tudo o que existe em nós, também para nossos lados sombrios, e apresentá-los a Deus, para se alcançar a verdadeira espiritualidade. Os monges do deserto demonstram que somente aceitando nossa realidade, descendo com humildade, subiremos até Deus. Grün discorre pontuando que essa espiritualidade vem ao encontro das necessidades e anseios atuais. Nas palavras dele:

Somente através do encontro franco conosco mesmos, através da obediência (ob-audientia = escuta) aos nossos pensamentos e sentimentos, aos nossos sonhos, aos nossos corpos e à nossa vida concreta, ao nosso trabalho e ao nosso relacionamento com as outras pessoas, chegaremos ao Deus que transforma tudo o que nós lhe apresentamos, até resplandecer também em nós a imagem de Jesus Cristo, isto é, a imagem que Deus fez de cada um de nós e que só poderá irradiar-se neste mundo em nós e por meio de nós.⁶²

Assim, percebe-se que no processo de individuação é imprescindível aceitar-se como se é, que ocorra a integração da sombra. Salienta-se que o processo de individuação, consiste essencialmente no fato de que o inconsciente e o consciente se unem. Essa união acontece no símbolo, processo que Jung denominou de função transcendente, não no sentido metafísico, mas que cria uma passagem entre as instâncias psíquicas. No contexto da terapia junguiana, a formação de símbolos possibilita o desenvolvimento criativo da personalidade, como será visto a seguir⁶³, pois o conceito de símbolo é de extrema importância na Arteterapia de abordagem junguiana.

1.2.5 Símbolo

O símbolo surge quando o inconsciente busca compensar a unilateralidade da consciência. Muito frequentemente isso ocorre nos casos de patologias ou em situações onde a atitude consciente é muito rígida ou unilateral, porque o inconsciente sempre procura compensar, visto que ele visa sempre o equilíbrio na psique.⁶⁴

⁶² GRÜN, Anselm. *O Céu Começa em Você: A sabedoria dos padres do deserto para hoje*. Trad. Renato Kirchner. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 128.

⁶³ KAST, Vereda. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana*. Tradução Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17.

⁶⁴ JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião Oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 26.

No livro “Símbolos da transformação”, Jung esclarece a estrutura arquetípica mais ampla responsável por todo o desenvolvimento individual. Nesse livro, escrito em 1911, aponta que os símbolos são manifestações exteriores dos arquétipos⁶⁵, que são, de acordo com ele, os conteúdos do inconsciente coletivo, um modelo original, um protótipo. Na verdade, os arquétipos, como já exposto anteriormente, são universais e herdados, são formas sem conteúdo que apresentam a possibilidade de comportamentos, de percepções, mas é a vivência de uma experiência específica que os ativa, desta forma é de uma experiência específica que surge um símbolo.⁶⁶ A linguagem do inconsciente, para o autor, é simbólica, portanto, para o desenvolvimento da personalidade é necessário compreender essa linguagem. Diferente de Freud, Jung não considera o símbolo como um disfarce, mas os descreve como transformadores dos impulsos instintivos primitivos.

O símbolo não é um signo que oculta uma coisa conhecida de todos. Não é este o seu significado. Pelo contrário, representa uma tentativa de elucidar, através da analogia, algo que ainda pertence inteiramente ao domínio do desconhecido, ou de uma coisa que ainda virá a ser.⁶⁷

Chegamos agora a um ponto fundamental da teoria junguiana para o presente estudo. O símbolo não chega à consciência por acaso. O *Self* é o organizador, o inventor ou a fonte dos símbolos que surgem espontaneamente nas imagens plásticas, nos sonhos e nas fantasias, visando sempre um constante amadurecimento e desenvolvimento da personalidade. O *Self* é o centro, uma espécie de “núcleo atômico”. Assim como o núcleo é o centro da terra, ele é o centro da personalidade, localiza-se no inconsciente e é o principal arquétipo do inconsciente coletivo.⁶⁸

Por ser de extrema importância para este estudo, destacamos que segundo Jung, durante a individuação surgem os símbolos do *Self*, indicando assim o contato profundo com o *Self*, com o Sagrado, com o Divino, com a Imago Dei, com o *Numinoso*. Esse contato pode oferecer ao indivíduo a experiência de Deus; o encontro com o *Self*, com o Sagrado, para Jung, é

⁶⁵ JUNG, Carl Gustav. *Símbolos da Transformação*. Trad. Eva Stern. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 100.

⁶⁶ CALVIN, 2009, p. 34.

⁶⁷ JUNG, 2011, p. 164.

⁶⁸ FRANZ, 2008, p. 161.

transformador, isto é, esse contato com o *Numinoso* sempre resulta em transformação da personalidade.

Ao utilizar o termo *Numinoso* para designar a experiência do encontro com o *Self*, Jung demonstrou que bebeu na fonte teórica de Rudolf Otto, (1869-1937), renomado teólogo, pastor e filósofo alemão, que em 1917 publicou o livro “Das Heilige”, (“O Sagrado”). Nesse livro, Otto propõe o reconhecimento do aspecto irracional do encontro com o Sagrado, como a experiência do *Numinoso*. Pesquisando sobre o assunto, discorre sobre o aspecto irracional da religião, o mistério, o terror, o tremendo, que denominou *Numinoso*.⁶⁹

Ao realizar uma conferência em 1937, Jung fez uso desse termo proposto por Otto para esclarecer o que ele entendia como algo que arrebatava a consciência, e assim, Jung ampliou essa ideia para a prática e estudo clínico.⁷⁰

A experiência do Sagrado leva o ser humano a experimentar a sua vida como doação, sempre em devir [...] A espiritualidade se constitui no momento em que o ser humano coloca o fluxo de sua vida – devir - em consonância com a sua concepção do absoluto.⁷¹

Jung esclarece, no livro “Psicologia e Religião”, que quando ele usa o termo “religião” não se refere a uma determinada profissão de fé religiosa. “A verdade, porém, é que toda confissão de fé religiosa, por um lado se funda originalmente na experiência do *Numinoso* e, por outro, na pistis, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter *Numinoso* e na mudança de consciência que daí resulta”.⁷² Nesse sentido, o termo “religião” denomina a atitude particular de uma consciência que foi transformada pela experiência do *Numinoso*. Jung cita como exemplo a marcante passagem de Paulo de Tarso, que após a experiência do encontro com o Sagrado, disse: “Assim já não sou eu quem vive, mas Cristo é quem vive em mim”.⁷³ E é justamente pela transformação que decorre da experiência que podemos constatar ser realmente

⁶⁹ RUDOLF, Otto. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o irracional*. Trad. Walter O. Schlupp. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

⁷⁰ CECCON, Rodrigo Pereira; HOLANDA, Adriano Furtado. Interlocução entre Rudolf Otto, Carl Gustav Jung e Víctor White. *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 63-77, abr. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2017.

⁷¹ TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio (Orgs.). *Espiritualidade e Saúde*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2012. p. 27.

⁷² JUNG, 2011, p. 20.

⁷³ JUNG, 2011, p. 21.

uma experiência do *Numinoso*. É extremamente forte, pois revela nossa natureza verdadeira. Quando ela ocorre, e verdadeiramente nos toca, é transformadora, na medida em que depois dela não podemos mais viver da mesma maneira que vivíamos anteriormente.⁷⁴

A experiência do *Numinoso*, o encontro com o Sagrado, afirma Leloup:

[...] não é estética, como admirar a natureza, o nascer ou o pôr do sol, visualizar uma linda paisagem ou um céu estrelado. Tudo isso é bonito, nos transmite boa sensação, mas não é em si a experiência autêntica do “*Numinoso*”. A experiência do “*Numinoso*” é uma experiência de não dualidade com o que nos cerca. É o sentimento de que nada está separado, que somos um com a natureza, com o meio ambiente, experiência essa que pode ocorrer, também, enquanto admiramos a natureza. Porém, da mesma forma durante experiências aterradoras produzidas pela natureza, como um terremoto ou *tsunami*, por exemplo, também pode ocorrer a abertura para a transcendência, na medida em que nesses momentos podemos sentir uma abertura da consciência a algo maior que nós, que nos ultrapassa.⁷⁵

Esse é o caminho que buscamos com a Arteterapia junguiana, na qual a preocupação não é a estética, mas o encontro do indivíduo com o *Numinoso*, com o *Self*, para se tornar quem realmente ele pode ser. Em um processo de terapia bem-sucedido, focado na direção do amadurecimento da personalidade, é imprescindível o encontro com o Sagrado, com o “Cristo Interior”, o arquétipo da síntese. Jung falava que a natureza religiosa humana é a fonte de símbolos vivos, que no Ocidente incluem os cristãos.⁷⁶ E é justamente sobre isso que nos debruçamos: o surgimento do símbolo do *Self*, do Sagrado, em um processo terapêutico, que pode surgir através de imagens, e quando surge, aponta para o desenvolvimento da personalidade.

1.3 A função transcendente dos símbolos e o encontro com o Sagrado

Faz-se mister apontar que Jung foi pioneiro no trabalho com imagens dentro do processo terapêutico. Por acreditar que o inconsciente produz imagens a partir da disposição onipresente do sistema humano para tais representações e não a partir de reflexões conscientes, Jung pedia a seus

⁷⁴ LELOUP; BOFF, 2012, p. 20-21.

⁷⁵ LELOUP, Jean-Yves. *Além da luz e da sombra: sobre o viver o morrer e o ser*. Trad. Pierre Weil, Regina Fittipaldi. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 74-75.

⁷⁶ JUNG, 2011, p. 51.

pacientes que produzissem imagens espontâneas, imagens de sonhos, emoções, sentimentos, fantasias e assim podia compreender o que se passava na psique. Diversas vezes ele se deparava com a representação do processo de individuação e de símbolos do *Self*, observando assim a jornada rumo à totalidade.⁷⁷

Pode expressar um distúrbio emocional, não intelectualmente, mas conferindo-lhe uma forma visível. Os pacientes que tenham talento para a pintura ou o desenho podem expressar seus afetos por meio de imagens. Importa menos uma descrição tecnicamente ou esteticamente satisfatória, do que deixar o campo livre à fantasia, e que tudo se faça do melhor modo possível.⁷⁸

Depois da Primeira Guerra Mundial, a prática da psicoterapia para Jung passou a objetivar o desenvolvimento da personalidade, ou seja, a individuação e não mais apenas o tratamento da psicopatologia. Ele acreditava que os pacientes deveriam fazer experimentos com suas imagens e que o papel dele, enquanto terapeuta, era o de supervisor desse processo.⁷⁹

Descobri que às vezes é muito útil, ao tratar um caso desses, estimulá-los a expressar seus conteúdos peculiares seja na forma de escrita ou na de desenho e pintura. Existem tantas intuições incompreensíveis nesses casos, fragmentos de fantasias que brotam do inconsciente, para os quais quase não existe linguagem apropriada. Deixo meus pacientes encontrarem suas próprias expressões simbólicas, sua “mitologia”.⁸⁰

É importante recordarmos que, conforme já apontado anteriormente, Jung observou que, além do inconsciente pessoal, existe o inconsciente coletivo, contendo uma infinidade de arquétipos, que possuem alta energia psíquica. Para esse teórico o inconsciente é a fonte da criatividade. O Si-mesmo, de acordo com a teoria junguiana, é o símbolo da totalidade e da unidade, na medida em que é o

⁷⁷ JUNG, Carl Gustav. *Estudos alquímicos*. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 31.

⁷⁸ JUNG, 2011, p. 28.

⁷⁹ JUNG, 2010, p. 215.

⁸⁰ JUNG, 2010, p. 216.

centro e a personalidade como um todo, nele estão contidas todas as instâncias psíquicas.⁸¹

No capítulo XI do livro “Os arquétipos e o Inconsciente Coletivo”, Jung descreve um estudo empírico do processo de individuação. Atendendo uma paciente que realizou uma série de quadros durante a terapia, e ao analisar essa série de quadros, percebeu o surgimento espontâneo de símbolos do *Self* e observou que a série de pinturas ilustra o momento inicial do caminho da individuação.

As pinturas iniciais da série ilustram os processos propriamente psíquicos que começam no momento em que nos lembramos da parte da personalidade que foi deixada para trás e esquecida. Assim que se restabelece a conexão com ela aparecem também os símbolos do Si-mesmo, os quais pretendem transmitir uma imagem da personalidade total. [...] Tais experiências também se expressam nos nossos mandalas; por isso, encontramos justamente na literatura religiosa os melhores paralelos dos símbolos e estados de alma referentes a situações descritas nos mandalas. Estas situações significam intensas experiências interiores, [...] constituem um crescimento anímico duradouro no sentido de um amadurecimento e aprofundamento da personalidade. Trata-se daquelas experiências anímicas originárias que estão à base da “fé” e deveriam ser o fundamento inabalável da mesma e não só da fé, mas do conhecimento.⁸²

É imprescindível nesse momento desta dissertação ressaltar o surgimento dos mandalas de forma espontânea, nas imagens realizadas pela paciente do caso clínico relatado por Jung. A definição do mandala, segundo o Dicionário de Símbolos, “é literalmente um círculo, ainda que o seu desenho seja complexo e muitas vezes se encerre em uma moldura quadrada”.⁸³ Este caso apresentado por Jung é fantástico porque nos mostra claramente que o processo ocorre espontaneamente e possibilita observar como um problema pessoal pode impulsionar o processo de individuação, ou seja, a totalidade do indivíduo.⁸⁴ Assim nos dá subsídios para refletirmos e procurarmos compreender algo fundamental para nossa pesquisa, como o processo de realização de imagens espontâneas pode desencadear o processo de individuação.

É imprescindível para fundamentar este estudo destacarmos a fala de Jung no final desse interessante estudo de caso relatado acima, pois ela demonstra como

⁸¹ JUNG, Carl Gustav (org.). *O Homem e seus símbolos*. Trad. Lucia Pinho. 2. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 213.

⁸² JUNG, 2011, p. 254.

⁸³ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, BAURBAUT, André [et al.]. *Diccionario de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

⁸⁴ JUNG, 2011, p. 354-355.

o mandala que surge espontaneamente nas imagens é símbolo do Sagrado, do *Self*, da totalidade, indicando o processo de individuação, a união dos opostos, integrando-os em uma totalidade harmônica: “O processo de individuação claramente sugerido aqui subordina o múltiplo ao Uno. O Uno, porém, é Deus, ao qual em nós, corresponde a Imago Dei, a imagem de Deus. Esta, porém se expressa no mandala, como já vimos em Jacob Böhme”.⁸⁵ Jung estudou a obra de Jacob Bohme, filósofo e místico luterano, nascido em 24 de abril de 1575 em Alt Seidenberg, hoje Sary Zawidów, na Silésia, e morreu em 17 de novembro de 1624 em Görlitz, na Alemanha⁸⁶, que escreveu vários livros, sobretudo o livro sobre a alma, que apresenta um inegável e interessante mandala, na visão de Jung⁸⁷, “Böhme partiu da alquimia filosófica e pelo que eu saiba foi o primeiro a atentar a ordenação em um mandala do cosmos cristão em sua realidade total”.⁸⁸

No caso clínico apontado, Jung pôde observar a produção espontânea de uma série de círculos, mandalas, que o inconsciente introduziu “clandestinamente” nos quadros, como autênticas imagens do inconsciente. Nessa obra, Jung esclarece que a mais íntima essência divina do ser humano no Ocidente, assim como no Oriente, é caracterizada por símbolos no mandala. Símbolos que podem representar uma imagem de Deus, ou seja, essa imagem que está no mundo, na natureza e no ser humano. Ele afirma:

[...] Ao mesmo tempo, é uma imagem de Deus e como tal é designada. Isto não é casual, na medida em que a filosofia indiana, a qual desenvolveu sobremaneira a ideia do si-mesmo, do *atmã*, ou *purusha*, não diferencia em princípio a essência humana da divina. De modo correspondente, a scintilha, a centelha da alma, a mais íntima essência divina do ser humano também é caracterizada por símbolos no mandala ocidental, símbolos que podem também designar uma imagem de Deus, isto é, a imagem da divindade que se desdobra no mundo, na natureza e no ser humano.⁸⁹

Após analisar uma série de casos clínicos onde surge espontaneamente o símbolo mandala, Jung concluiu que é empiricamente comprovado que tais

⁸⁵ JUNG, 2011, p. 358.

⁸⁶ JAKOB Böhme. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/jakob_Böhme>. Acesso em: 20 ago. 2017.

⁸⁷ JUNG, 2001, p. 38.

⁸⁸ JUNG, 2011, p. 345.

⁸⁹ JUNG, 2011, p. 395-396.

imagens têm um efeito terapêutico considerável sobre os autores, pois são tentativas de reunir os opostos, buscando a integração destes. Em suas palavras:

Que tais imagens, em certas circunstâncias, têm um efeito terapêutico considerável sobre seus autores é empiricamente comprovado além de ser compreensível, posto que representam não raro tentativas muito ousadas de ver e reunir opostos aparentemente irreconciliáveis e de vencer divisões que pareciam intransponíveis. A simples tentativa nessa direção costuma ter efeito curativo, no entanto só quando ocorre espontaneamente. Nada se deve esperar de uma representação artificial ou de uma imitação proposital de tais imagens”.⁹⁰

Percebemos então, que o mandala, símbolo do Uno, de Deus, fundamental nesta pesquisa, é de suma importância para Jung, é referido várias vezes por ele no decorrer de sua vasta obra. Sobre essa espécie de símbolo que surgiu espontaneamente durante um tratamento individual, destacamos a descrição e comentários minuciosos que ele faz no livro “Psicologia e alquimia” (1944) que podem nos apontar como em momentos difíceis da vida podemos descobrir algo em nós, maior do que nós, que nos sustenta e nos fortalece:

A experiência mais importante e decisiva de todas é a solidão com seu Si-mesmo [...]. O paciente deve ser só, para descobrir o que o sustenta quando não é mais capaz de fazê-lo sozinho. Apenas essa experiência pode dar um fundamento indestrutível a seu ser.⁹¹

Essa ideia defendida por Jung (1875-1961) já havia sido apresentada por Tauler (1300-1361), místico cristão discípulo de São Tomaz de Aquino. Lepargneur, assevera que para Tauler “Os seres humanos que se acercam do Si-mesmo testemunham tal experiência: a experiência do eterno presente e de uma harmonia divina que os embriaga antes de devolvê-los ao tempo”.⁹² Tanto em Tauler como em Jung, a ênfase está na busca da totalidade e integralidade do ser, alvo da terapia profunda. Mas é importante lembrar que para Jung o ego⁹³, nunca poderá se identificar com o Si-mesmo, com o divino, nem tampouco integrá-lo. Somente poderá vivenciá-lo e experimentar o estado de graça do ponto de vista psicológico.⁹⁴ O ser

⁹⁰ JUNG, 2011, p. 395-396.

⁹¹ JUNG, 2011, p. 39.

⁹² TAULER, 1927 apud LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 113.

⁹³ O ego é apenas o ponto de referência da consciência, enquanto o Si-mesmo inclui a totalidade da psique de um modo geral, ou seja, o consciente e o inconsciente”). JUNG, 2011. p. 395.

⁹⁴ TAULER, 1927 apud LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 113.

humano não pode prescindir de toda estrutura da personalidade, como já vimos antes. O convite é para integrar os diferentes elementos numa totalidade harmônica no processo de individuação.

No Ocidente, um importante símbolo dessa totalidade harmônica, segundo Jung, é Cristo, por ser esse individuado um ser que integrou os opostos. Psicologicamente, Cristo, para os ocidentais, é uma personificação simbólica do Si-mesmo, da imago Dei, do Sagrado, do tremendo, do mistério, um arquétipo central do inconsciente coletivo, um organizador da personalidade. Da mesma forma para os orientais, o símbolo dessa totalidade pode ser Buda.

Hubert comenta:

O mais curioso e o que vem a confirmar a descoberta de Jung é que o arquétipo do centro se manifesta através de imagens que os místicos e as religiões de todos os tempos e lugares usam simbolicamente para representar a divindade, seja ela a divindade judaico-cristã, seja qualquer outra”.⁹⁵

Jung observou que em alguns momentos da terapia profunda surgem símbolos do Si-mesmo como um processo instintivo, inato, e que, como aponta Edward F. Edinger, é “uma parte da natureza viva enraizada na biologia do nosso ser”.⁹⁶ Nas palavras de Jung, no livro “O Homem e seus símbolos”, apreendemos que, quando ocorre um processo de introspecção na busca do autoconhecimento, o *Self* emerge e fortalece o indivíduo.

Cada vez que o ser humano volta-se honestamente para o seu mundo interior e tenta conhecer-se – não remoendo pensamentos e sentimentos subjetivos, mas seguindo as expressões da sua natureza objetiva como os sonhos e as fantasias genuínas - mais cedo ou mais tarde o *Self* emerge. O ego vai encontrar, assim, uma força interior onde estão contidas todas as possibilidades de renovação.⁹⁷

Compreendemos, assim, que o *Self* emerge nos mostrando que ele está presente na psique. Destarte, percebemos que para Jung a execução de imagens espontâneas é imprescindível para conhecermos o que se passa na psique do indivíduo. Ao visualizarmos essas imagens podemos literalmente ver a energia psíquica, que surge como símbolos, pois essa é a forma de expressão do

⁹⁵ LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 8.

⁹⁶ EDINGER, Edward F. *O arquétipo Cristão*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 36.

⁹⁷ FRANZ, 2008, p. 215-216.

inconsciente, diferentemente da linguagem racional. Vejamos o que Nise da Silveira fala sobre isso:

Ao contrário da Psicologia de Freud, a psicologia junguiana reconhece na imagem grande importância, bem como nas fantasias e nos delírios. Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique, sem quaisquer disfarces ou véus, pois é peculiaridade essencial da psique configurar imagens de suas atividades por um processo inerente à sua natureza. A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem. Se nos é difícil entendê-la de imediato, não é por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem diferente daquela que consideramos única, a linguagem racional. Exprimem-se por meio de símbolos ou mitologemas, cuja significação desconhecemos, ou melhor, já esquecemos.⁹⁸

Queremos enfatizar com o exposto que Jung nos demonstra a importância do trabalho com imagens para compreendermos a psique e que muitas vezes as imagens espontâneas, produzidas durante um processo de arteterapia, nos remetem ao centro da psique, onde está, segundo ele, a Imago Dei, o Uno, Deus. Então podemos entender que o trabalho com imagens que apresenta essa configuração remete ao Sagrado presente no ser humano. Reflexão essa que permeia este trabalho, a qual abordaremos com mais especificidade nas páginas seguintes.

⁹⁸ SILVEIRA, Nise da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 2001. p. 85-86.

2 A ARTE COMO EXPRESSÃO SIMBÓLICA

Para que melhor se possa compreender essa dimensão transcendental da arte, este capítulo aborda três visões diferentes e complementares. Primeiro, as observações da psiquiatra brasileira Nise da Silveira, (Alagoas-1905 / Rio de Janeiro-1999), contemporânea de Jung, responsável por um dos mais importantes estudos e legados de como a expressão artística pode contribuir para a compreensão dos fenômenos intrapsíquicos de indivíduos com diagnóstico de doenças psiquiátricas. Depois, apresenta-se o estudo do filósofo francês Michel Henry sobre o pintor Kandinsky, numa referência da arte como expressão inconsciente e espiritual. E, ainda, um breve relato da arte como expressão subjetiva, de sofrimento e tentativa espontânea de autocura, nas obras de Van Gogh.

Na obra “O Espírito na Arte e na Ciência”, Jung estuda as relações entre psicologia e arte. Ele afirma que a arte é uma atividade psicológica e que, portanto, deve ser submetida a considerações dentro do campo da Psicologia, o que nos leva a entender que toda arte expressa a alma do artista. Segundo ele, a obra se impõe ao autor, pois esse “é inundado por uma torrente de pensamentos e imagens que jamais pensou em criar e que sua vontade jamais quis trazer à tona. Tem que reconhecer que nisso tudo é sempre o “*Self*” que fala, que é a sua natureza mais íntima que se revela por si”.⁹⁹

Nise da Silveira, conta que Leonardo da Vinci havia observado que os pintores frequentemente representam a si mesmos nos personagens que pintam, impondo suas qualidades físicas e morais aos modelos mais dessemelhantes e não lhes poupando nenhum de seus defeitos”.¹⁰⁰ Com essa observação, iniciamos nossa reflexão sobre como os artistas projetam características próprias e inconscientes em suas obras de arte. Assim, antes de entrarmos na seara de Arteterapia em si, vamos ver algumas abordagens da produção artística no campo da Psicologia, por meio do exemplo de Nise da Silveira, e breves reflexões sobre algumas obras de Kandinsky e Van Gogh.

⁹⁹ JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Trad. Maria de Moraes Barros. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 73.

¹⁰⁰ SILVEIRA, 2001, p. 30.

2.1 Nise da Silveira e o trabalho com imagens à luz da teoria junguiana

Partindo desse conceito, a psiquiatra brasileira Nise da Silveira,¹⁰¹ por volta de 1946, estuda imagens produzidas por pacientes esquizofrênicos, oferecendo atividades que permitiam a expressão de vivências não verbalizáveis para pacientes com extrema dificuldade de comunicação verbal. Desta forma, pôde compreender o que se passava no mundo intrapsíquico dos pacientes. Ela observou que a pintura e a modelagem permitiam mais fácil acesso ao mundo interno do esquizofrênico. E relatou:

Além disso, já havíamos verificado, desde 1948, que a pintura e a modelagem tinham em si mesmas qualidades terapêuticas, pois davam forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as, e objetivavam forças auto curativas que se moviam em direção à consciência, isto é, à realidade.¹⁰²

Foi a partir da compilação de grande número de trabalhos realizados pelos pacientes do Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, que Nise da Silveira fundou o Museu de Imagens do Inconsciente.¹⁰³ Inaugurado em 20 de maio de 1952, esse museu possui um acervo com mais de 300.000 documentos plásticos, incluindo telas, cartolinas, papéis e modelagens.¹⁰⁴

À luz da teoria junguiana, Nise estudou séries de imagens que lhe permitiram acompanhar o desdobramento de processos intrapsíquicos, nos quais observava a repetição de símbolos, de motivos e uma continuidade no fluxo das imagens do inconsciente. Ela declara: “o invisível se torna visível”.¹⁰⁵

¹⁰¹ “Nise da Silveira, psiquiatra alagoana (1905-1999), enxergou a riqueza de seres humanos que estavam “no meio do caminho”. No meio do caminho entre o existir e a dignidade. No meio do caminho entre a loucura e a exclusão total. [...] Fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, em 1952. A arte marcou o renascimento daquelas pessoas para a sociedade. A história dela já foi tema de documentários e agora volta às telas com o filme inédito *Nise – O Coração da Loucura*, dirigido por Roberto Berliner e estrelado por Glória Pires, o longa, baseado no livro *Nise - Arqueóloga dos Mares*, do jornalista Bernardo Horta, traz um recorte acessível e emocionante da atuação da psiquiatra e sua defesa da arte como principal ferramenta de reintegração de pacientes” psiquiátricos. VELOSO, Amanda Mont'Alvão. *Quem foi Nise da Silveira, a mulher que revolucionou o tratamento da loucura no Brasil*. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/04/19/quem-foi-nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratament_a_21701186/>. Acesso em: 15 jul. 2017.

¹⁰² SILVEIRA, 2001, p. 17.

¹⁰³ PERTUIS, Carlos. *Museu de Imagens do Inconsciente*. Disponível em: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

¹⁰⁴ SILVEIRA, 2001, p. 18.

¹⁰⁵ SILVEIRA, 2001, p. 39.

Importante para nosso tema é sua reflexão do alcance dessa produção: “Mas era forçoso reconhecer que a produção plástica dos psicóticos ia muito além das representações distorcidas e veladas dos conteúdos pessoais reprimidos [...]”¹⁰⁶ Analisando pinturas espontâneas de diferentes pacientes, ela observou, em centenas, o surgimento de imagens circulares:

Imagens circulares ou tendendo ao círculo, umas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, impunham sua presença na produção espontânea dos frequentadores do atelier do hospital psiquiátrico. Tive grande dificuldade em compreendê-las. A analogia era extraordinariamente próxima entre essas imagens e aquelas descritas sob a denominação de mandala em textos referentes a religiões orientais.¹⁰⁷

Bastante intrigada com esse fato, escreveu a Jung e lhe enviou fotos desses trabalhos. Ele respondeu que realmente eram mandalas e observou que os desenhos apresentavam regularidade notável, o que indicava forte tendência do inconsciente para formar uma compensação à situação de caos do consciente. Entendeu, assim, que os mandalas surgidos espontaneamente davam forma a forças do inconsciente que buscavam compensar a dissociação inerente à esquizofrenia.¹⁰⁸

Desde então, Nise da Silveira se dedicou a estudar o riquíssimo simbolismo dos mandalas, compreendendo que mandala é o símbolo do Centro, do *Self*. As funções ordenadoras e curadoras dessas imagens passaram a ser o foco de estudo dessa pesquisadora, visando principalmente a compreensão dos casos clínicos acompanhados por ela.¹⁰⁹

O *Self* terá de ser agora descoberto, não através de projeções exteriores, porém no mundo interior, dentro do próprio indivíduo. De quando em vez este centro é vislumbrado seja na experiência poética, através de imagens plásticas, ou em experiências místicas, na meditação filosófica, na introspecção psicológica. Os psicodélicos podem abrir portas internas e dar acesso, por instantes, ao âmago do ser, dispensando árduos trabalhos preparatórios. Daí talvez o fascínio que exercem. Sob o impulso de uma compulsão instintiva obscura, o homem moderno aspira a realizar e integrar suas potencialidades, a ser ele mesmo. [...] Raramente aquele que faz “viagens” psicodélicas terá condições para avaliar a significação das experiências, para integrar os conteúdos que emergem do inconsciente. Por isso não lucra o desenvolvimento e as transformações da personalidade,

¹⁰⁶ SILVEIRA, 2001, p. 31.

¹⁰⁷ SILVEIRA, Nise da. *Imagens do Inconsciente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981. p. 51.

¹⁰⁸ SILVEIRA, 1981, p. 52.

¹⁰⁹ SILVEIRA, 1981, p. 55.

que podem ser alcançadas através de métodos como a análise psicológica profunda, a meditação.¹¹⁰

Visando maior elucidação, faz-se mister apontar as concepções de Jung sobre esse assunto:

A palavra sânscrita mandala significa círculo, no sentido habitual dessa palavra. No âmbito dos costumes religiosos e em psicologia refere-se a imagens circulares que desenhadas, pintadas, modeladas e dançadas. [...]. Como fenômeno psicológico aparecem espontaneamente em sonhos, em certas situações de conflito e em casos de esquizofrenia. Frequentemente contém uma quaternidade, ou múltiplo de quatro sob a forma de cruz, estrela, quadrado ou octógono, etc. [...]. Sua ocorrência espontânea na produção de indivíduos contemporâneos permite à pesquisa psicológica fazer investigações sobre sua significação funcional. Em regra, o mandala ocorre em situações de dissociação ou desorientação psíquica, por exemplo, em crianças entre os oito e onze anos cujos pais acham-se próximos do divórcio e em adultos que como resultado de uma neurose e seu tratamento confrontaram-se com o problema dos opostos na natureza humana e sentem-se por isso desorientados, e ainda em esquizofrênicos cuja visão do mundo tornou-se confusa devido à invasão de conteúdos incompreensíveis emergentes do inconsciente.¹¹¹

Aqui é importante ressaltar que, segundo Jung, o surgimento espontâneo dos mandalas em momentos de conflito psíquico ocorre instintivamente, justamente para compensar a desordem psíquica, auxiliar na estruturação e organização do psiquismo, como uma tentativa de autocura:

Em tais casos é fácil verificar como o molde rigoroso imposto pela imagem circular, através da construção de um ponto central, com o qual todas as coisas vêm relacionar-se, ou por um arranjo concêntrico da multiplicidade desordenada de elementos contraditórios e irreconciliáveis, compensa a desordem e confusão do estado psíquico. Isso é evidentemente uma tentativa de auto cura que não se origina da reflexão consciente, mas de um impulso instintivo. Aqui, segundo a pesquisa pelo método comparativo demonstra, é feito uso de um esquema fundamental, de um arquétipo que, por assim dizer, manifesta-se em toda parte sem de maneira nenhuma dever sua existência individual à tradição, tanto quanto os instintos que não necessitam ser transmitidos pela tradição.¹¹²

Nos diversos trabalhos analisados à luz da teoria junguiana, Nise da Silveira comprovou que a psique, como todo sistema vivo, se defende quando seu equilíbrio se perturba. Entre os vários exemplos de produções espontâneas que observamos nos livros de sua autoria, chamou-nos a atenção algumas imagens, as quais apresentamos abaixo.

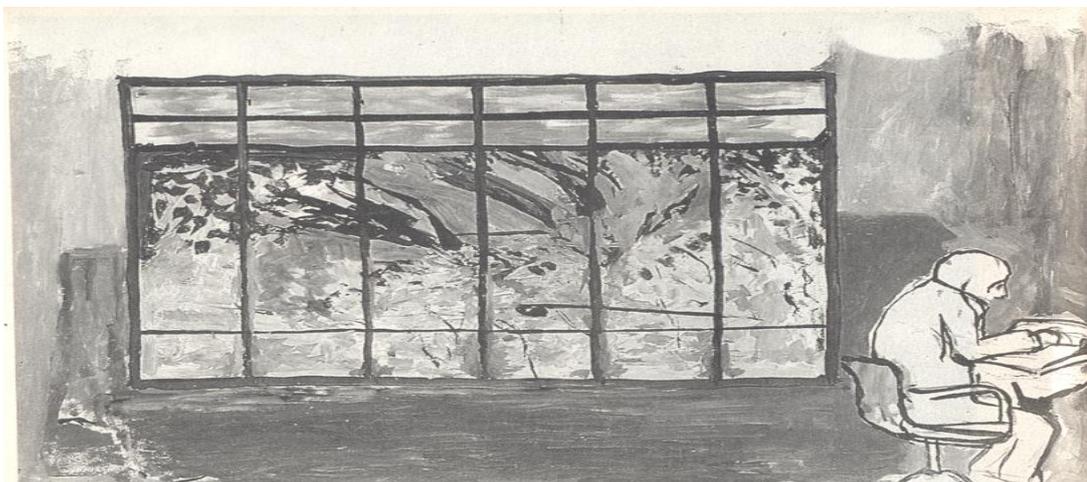
¹¹⁰ SILVEIRA, 1981, p. 263.

¹¹¹ JUNG, 2011, p. 393.

¹¹² JUNG, 2011, p. 394.

Na Figura 1, o paciente retrata o atelier com uma grande janela que apresenta uma vida intensa lá fora e ele se coloca em posição de interiorização, sem valorizar o que estava acontecendo no mundo exterior.

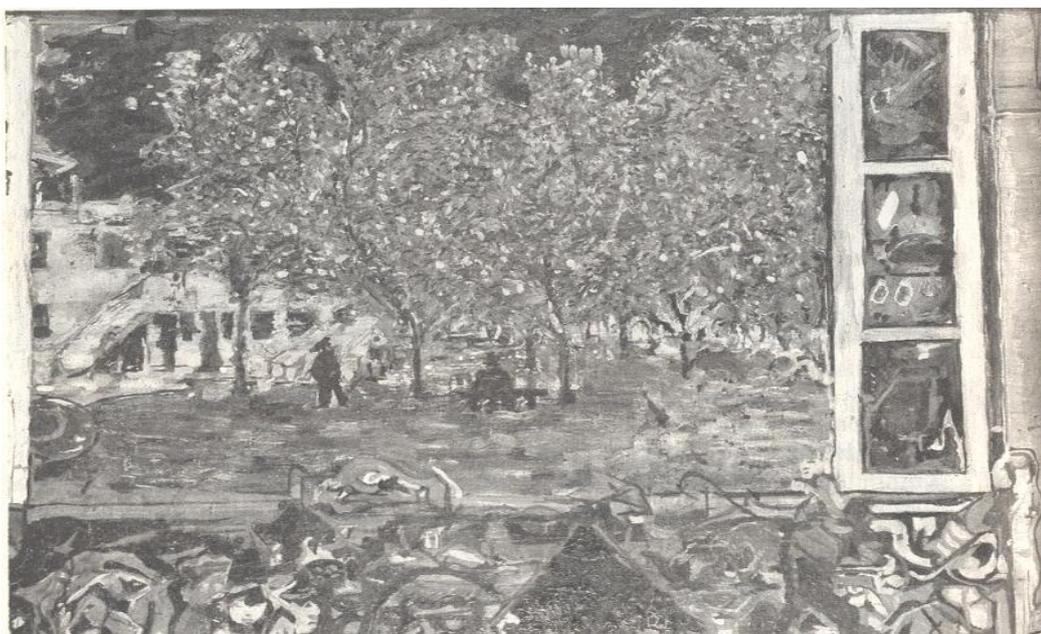
Figura 1 - Atelier com uma grande janela



Fonte: SILVEIRA, 1981, p. 38.

Na Figura 2, o paciente representa o ateliê sacudido pela explosão interna. Surgem formas disformes e uma confusão de imagens, como se diversos seres o estivessem observando.

Figura 2 – Ateliê sacudido



Fonte: SILVEIRA, 1981, p. 38.

A Figura 3, apresenta rachaduras no piso, como se um terremoto estivesse acontecendo, retratando, assim, inconscientemente, o que estava acontecendo em seu psiquismo.

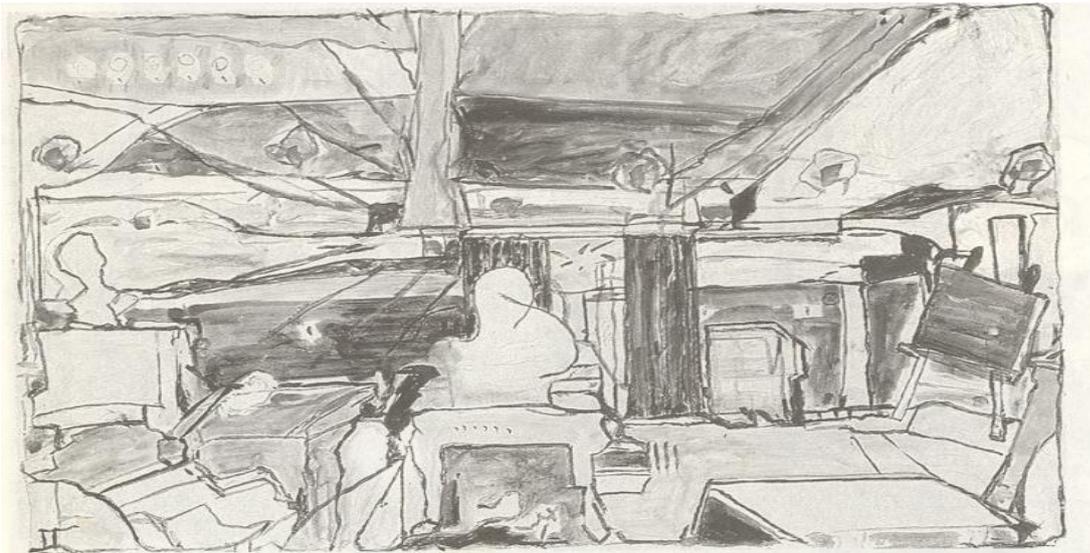
Figura 3 - Rachaduras no piso



Fonte: SILVEIRA, 1981. p. 39.

Na Figura 4, tudo está desordenado, como consequência do terremoto ocorrido na psique.

Figura 4 - Tudo está desordenado

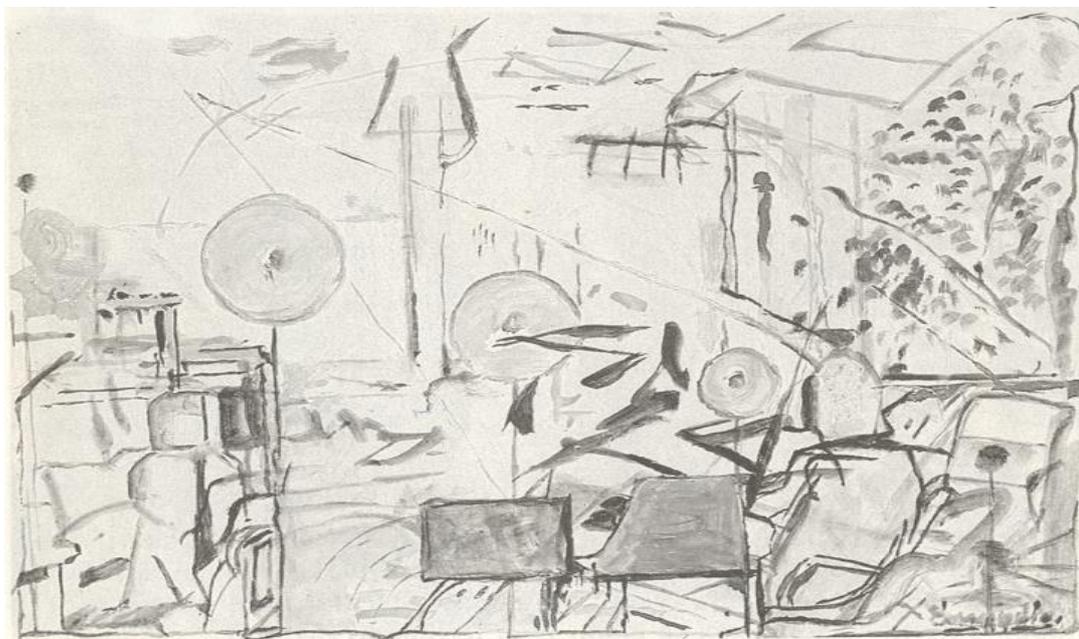


Fonte: SILVEIRA, 1981, p. 40.

Mas na Figura 5, entre as imagens do terremoto, surgem imagens circulares dispostas em sequência, revelando que forças ordenadoras de defesa foram

mobilizadas. Devido a essa expressão das imagens circulares em meio ao caos, Nise aponta que era passível de se esperar que o autor das pinturas superasse a crise e que na realidade foi o que aconteceu.¹¹³

Figura 5 - Imagens circulares



Fonte: SILVEIRA, 1981, p. 40.

Ao constatarmos o que aconteceu nesse caso apresentado por Nise da Silveira, podemos perceber, como Jung já havia observado, que nas produções plásticas produzidas espontaneamente em momentos de crise psíquica as imagens do *Self* surgem na forma dos mandalas. Indicam, assim, que a arte contribui com o processo de integração do psiquismo, participando no processo de cura, na medida que conecta o indivíduo com seu Sagrado interno. Isto posto, é importante refletirmos sobre o papel da arte na subjetividade humana.

2.2 Arte como expressão espiritual: o Kandinsky de Michel Henry

Michel Henry (1922-2002), filósofo francês criador da fenomenologia da vida, fez um brilhante estudo sobre as obras teóricas do pintor russo Wassily Kandinsky (1866-1944). Apontou que esse pintor declarou contundentemente que todo fenômeno pode ser vivido de duas maneiras: exteriormente e interiormente. Henry cita a fala de Kandinsky do estudo *Ponto e Linha*, publicado em 1926: “Todo

¹¹³ SILVEIRA, 1981, p. 37-41.

fenômeno pode ser vivido de duas maneiras, não arbitrariamente ligadas aos fenômenos, mas decorrentes da natureza dos fenômenos, de duas de suas propriedades: Exterior-Interior”.¹¹⁴

Para Henry, é esse o destino da pintura abstrata, ser experimentada dessas duas formas, assim como o fenômeno do corpo experimenta tudo. Ele conta que Kandinsky pintava um saber constituído por uma emoção, a profusão da vida dentro dele, sua intensificação e sua exaltação. Nas palavras de Michel Henry:

Porque as verdades da arte não passam de transformação da vida do indivíduo, a experiência estética contrai com a ética laço indissociável, sendo ela mesma uma ética, uma “prática”, um modo de realização da vida. Tal conexão interior da vida estética invisível e da vida ética é, para Kandinsky, o espiritual.¹¹⁵

Em contraposição ao naturalismo, Kandinsky afirma que a arte tem dimensão “espiritual”. Sendo, portanto, a arte demonstração da vida invisível e a salvação possível e única, em nossa sociedade que afasta a vida, comenta Henry.¹¹⁶ Aqui é extremamente importante, para embasar esta pesquisa, sublinhar essa ideia de Henry, a arte como demonstração da vida interior como a única salvação possível para o ser humano.

Esse filósofo conta que através da análise fenomenológica, Kandinsky concluiu que pintura verdadeira é aquela que surge da “necessidade interior”, que retrata o invisível, as pulsões, paixões, afetos, a força do artista. Chama de alma o elemento interior da obra, ou seja, seu conteúdo. Portanto, uma obra pura surge somente quando há vibração da alma, expressando o *pathos*¹¹⁷, obra é resultado da tensão do artista, “de realidade assentada sobre a subjetividade absoluta”, o que Kandinsky chama de espírito.¹¹⁸

No decorrer do livro que escreveu sobre Kandinsky, Henry afirma que esse pintor repetidamente apresentou a necessidade interior como o princípio da pintura abstrata. Então podemos entender que o artista sempre coloca algo de si em sua obra, como haviam afirmado Jung e Leonardo da Vinci, apontados na abertura deste capítulo. Além disso, Henry nos conta: “Kandinsky sempre se surpreendia quando,

¹¹⁴ HENRY, Michel. *Ver o invisível: sobre Kandinsk*. Trad. Marcelo Rouanet São Paulo: Realizações, 2012. p. 13.

¹¹⁵ HENRY, 2012, p. 29.

¹¹⁶ HENRY, 2012, p. 31.

¹¹⁷ HENRY, 2012, p. 37.

¹¹⁸ HENRY, 2012, p. 127.

nas obras da “transição” referidas ou nas pinturas abstratas posteriores, o alertavam para a presença de elementos figurativos que conscientemente ele jamais pintara enquanto tais e que de todo modo só têm, nessas telas, valor de formas puras”.¹¹⁹

É interessante essa constatação de Kandinsky, porque ele assume que em suas telas as formas surgem inconscientemente. Observando vários quadros abstratos desse pintor, podemos observar que as formas circulares se fazem presentes. De acordo com ele: “Não importa se o artista recorre a uma forma real ou abstrata, pois interiormente elas se equivalem”.¹²⁰ Ou seja, para ele a obra é sempre uma expressão da subjetividade.

Concluimos ao estudar o livro de Henry, que a obra de Kandinsky é expressão da alma do pintor. Kandinsky acreditava na existência de uma realidade interna, maior do que a realidade externa.

A título de ilustração, seguem exemplos de quadros de Kandinsky, nos quais surgem formas circulares, que podemos aproximar ao que Jung trabalhou como símbolos de individuação, os mandalas.

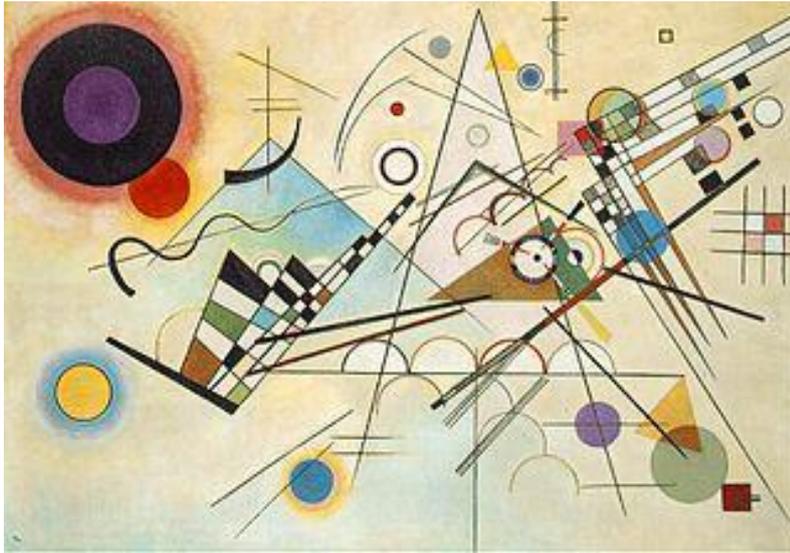
Figura 6 - Transverse Line (ano: 1923)



Fonte: Museo Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, Alemanha. Disponível em: <<http://www.tudoquadros.com.br/kandinsky/linha-trasversal.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

¹¹⁹ HENRY, 2012, p. 58.

¹²⁰ HENRY, 2012, p. 172.

Figura 7 - Composition VIII

Fonte: Museu Solomon R. Guggenheim. Disponível em: <<http://www.wassily-kandinsky.org/Composition-VIII.jsp#prettyPhoto>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Figura 8 - Composition X

Fonte: Composition X, 1939 by Wassily Kandinsky. Disponível em: <<http://www.wassily-kandinsky.org/Composition-X.jsp>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

2.3 Arte como expressão do sofrimento psíquico: a obra de Van Gogh

Vincent Willem Van Gogh nasceu em Zudert (Holanda), em 30 de março de 1853. Como pintor, só alcançou a fama após sua morte em 1890, aos 37 anos. Teve uma vida que, apesar de curta, foi bastante intensa artística e existencialmente. Pintou cerca de 700 quadros. Em suas pinturas não se contentava em apenas apresentar uma cena, mas também transmitir emoções e sentimentos dos personagens. Representava também em sua obra o estranho e intenso estado de

sua alma. Seu estilo ia se alterando de acordo com seu estado emocional, que refletia seu instável estado de espírito. “Exatamente por isso sua obra jamais se encaixou em um único movimento artístico. Seu estilo, absolutamente único se alterava de acordo com seu também instável estado de espírito”.¹²¹

Ao chegar em Paris, em outubro de 1887, pintou seu autorretrato, utilizando a técnica do pontilhado, mas adaptando-a ao seu estilo. Chamou-o “*Self portrait with Felt Hat*”, e hoje encontra-se no Van Gogh Museu, em Amsterdam.

Figura 9 - Self Portrait With Felt Hat



Fonte: BORGES, Rejane. As pinturas mais famosas de Van Gogh. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2014/03/as_pinturas.html>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Nesse estudo, nos deparamos com a história dramática de Van Gogh, marcada pela loucura decorrente de rejeição, carências, solidão, frustrações e

¹²¹ MAIA, Denise Diniz. *O Retrato Genial de Vincent: um processo de individuação*. Disponível em: <<http://www.denisemaia.com.br/arqs/outros/ORetratoGenialdeVincentPrefacio.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

isolamento. Desde 1882, Vincent apresentou bastante entusiasmo com a experimentação de cores e aprendizagem de novas técnicas. Apesar de despontar como bom profissional, de se descobrir como pintor em 1880, desde cedo apresentava problemas de relacionamento e personalidade depressiva.

Grey comenta que, no verão de 1887, Van Gogh escreveu para o irmão e que pelas palavras na carta pode-se perceber que ele estava entrando em uma fase depressiva:

Me deprime pensar que mesmo quando é um sucesso, a pintura nunca paga de volta o que custa. Quanto a mim, sinto que estou perdendo o desejo de casamento e filhos, me entristece que eu deveria estar me sentindo assim aos trinta e cinco anos, apenas quando deve ser o oposto. E às vezes tenho rancor contra esta pintura pobre.¹²²

É interessante observarmos, a vista de reflexão nessa dissertação, que no final da citação acima, como o próprio Van Gogh se refere à sua pintura como “pobre”. Psicologicamente podemos inferir que essa fala dele pode estar relacionada com a falta de reconhecimento de sua obra naquela época, que somente era valorizada pelo próprio irmão. Ainda refletimos que nesse caso o arteterapeuta poderia ajudar o indivíduo a superar adversidades e dificuldades emocionais, principalmente por reconhecer e valorizar a produção.

Mas voltando ao estudo da obra de Vincent, entre os quadros produzidos por ele nessa época (1887), está o da Figura 10, no qual podemos observar um campo de trigo e um céu iluminado, onde apenas uma cotovia sobrevoa. Quadro esse que pode estar refletindo o sentimento de solidão do pintor.

¹²² GREY, Sue Ann. *Vincent van Gogh, a formal and psychological analysis of the final years at Arles, Saint-Remy and Auvers*. 2010. 531 f. 2010. p. 23. Disponível em: <<http://ir.library.louisville.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1530&context=etd>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Figura 10 - Wheatfield with a Lark, 1887

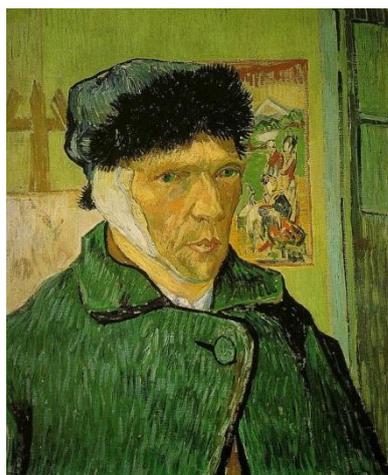


Fonte: MCQUILLIAN, M. *Van Gogh*. Thames and Hudson, Ltd: New York, N.Y., 1989. p. 160.

Em dezembro de 1888, mais uma vez, Vincent experimenta o sentimento de perda e rejeição, recorrentes na trajetória de sua vida, pois após violenta discussão, o amigo Gauguin, com o qual dividiu sua casa por dois meses, rompe relações com ele e parte. Conturbado e desesperado, demonstrando extremo descontrole em um gesto de fúria, ele decepa um lóbulo da própria orelha esquerda. Após o ocorrido foi internado para tratamento psiquiátrico no Asilo de Saint Paul de Mausole, em Saint Rémy de Provence.¹²³

Internado, em janeiro de 1889, pintou o quadro visto na Figura11 “Auto retrato com a orelha cortada”, do acervo do Instituto Courtauld.

Figura 11 - Autorretrato com a orelha cortada



Fonte: BORGES, Rejane. *As pinturas mais famosas de Van Gogh*. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2014/03/as_pinturas.html>. Acesso em: 23 ago. 2017.

¹²³ RIBEIRO, Claudete. *Arte e resistência: Vincent Willem Van Gogh*. 2000. 229 f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2000. p. 23. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/116108>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

Ribeiro comenta que a fase da internação foi a mais produtiva de Van Gogh. Entre as sucessivas crises ele pintava muito:

Rompeu com a pintura do pontilhado, evoluindo para o expressionismo, transformando os pontos em vírgulas, traços em curvas, a fim de expressar a sua angústia como resposta à sociedade que o rejeitava. Nessa expressão, Vincent conseguia sublimar a angústia e passar para a tela um sentimento de euforia”. Como exemplo dessa fase encontramos o quadro Girassóis (1888), visto na Figura 12, repleto de amarelo e laranja.¹²⁴

Figura 12 - Girassóis



Fonte: BORGES, Rejane. As pinturas mais famosas de Van Gogh. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2014/03/as_pinturas.html>. Acesso em: 23 ago. 2017.

A pintura ligava Van Gogh à vida; internado, ele a usou como forma de autoterapia. Sob forte depressão, com a mente agitada e sob várias alucinações, pintou diversos quadros, nos quais também observamos o aparecimento de formas circulares, como no quadro “A noite estrelada” (Figura 13), pintado em 1889, aos 37 anos. Lembramos que de acordo com Jung, quando aparecem formas circulares em imagens produzidas espontaneamente, simbolizam a tentativa de organização da psique.¹²⁵

¹²⁴ RIBEIRO, 2000, p. 22.

¹²⁵ JUNG, 2011, p. 395-396.

Figura 13 - A noite estrelada



Figura: BORGES, Rejane. As pinturas mais famosas de Van Gogh. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2014/03/as_pinturas.html>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Observamos, nos quadros de Van Gogh, uma mudança na forma de pintar antes e após sua internação em um hospital psiquiátrico. Conforme aponta Ribeiro, sobre esse artista: [...] “para a manutenção da própria sanidade empregou, constantemente, processos defensivos como uma forma equilibradora do próprio ego”.¹²⁶

Percebe-se, assim, o quanto a pintura ajudava Van Gogh, mesmo nos momentos de intensa crise, como na percepção de Brentan:

O inconsciente de Van Gogh manda mensagens de serenidade por meio da pintura, tentando apaziguar os pensamentos turbulentos que o ameaçam. Ele próprio considerava o ato de pintar terapêutico e dizia que, com sua pintura e com o acompanhamento médico adequado, conseguiria ficar bem equilibrado. Assim, saiu do hospital com a esperança de que a pintura traria luz à consciência.¹²⁷

Nos momentos de crise, a pintura ajudava Van Gogh a sobreviver; ela foi a religião dele, o ligou à natureza, aos outros e o fortalecia. Nada melhor do que a declaração dele próprio para corroborar com nossa afirmação: *“Quando uma pessoa vivencia as estrelas e o infinito vividamente, apesar de qualquer rotina, a vida se*

¹²⁶ RIBEIRO, 2000.

¹²⁷ BRETAN, Cristiane Cintra. Van Gogh: a luz que resplandece das trevas. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (Org.). *Arteterapia – Arquétipos e símbolos*. Rio de Janeiro: Wak, 2009. p. 66.

torna quase encantada. Quando eu tenho a terrível necessidade de - Devo usar a palavra? - religião, então eu saio à noite para pintar as estrelas".¹²⁸

Na declaração anterior, podemos perceber como em meio a todo sofrimento, a espiritualidade surgia espontaneamente, como Van Gogh mesmo declara, na necessidade de pintar as estrelas. Isso nos faz acreditar no Sagrado interno presente, o ajudando a se conectar com algo além da difícil realidade, que o pintor titubeia em nomear como religião.

Segundo vários autores, a última obra de Van Gogh foi o "Campo de Trigo com Corvos", produzida em 1890, pouco antes de sua morte aos 37 anos. Tela que apresenta novamente, como a segunda demonstrada neste capítulo (Figura 10), "O campo de Trigo". Só que desta vez, ao invés da luz e de uma cotovia sobrevoando, o campo de trigo se encontra sob um céu tempestuoso, onde sobrevoam vários corvos. Chevalier¹²⁹, aponta que o corvo é considerado na Europa como uma figura de mau agouro, enquanto a cotovia é associada à canção de alegria e com simbolismo agradável, representando a união entre o terreno e o celeste, uma espécie de mediadora.

Destarte, conhecendo o significado da cotovia, como mediadora, podemos pensar que ao representar espontaneamente a cotovia, um impulso para a espiritualidade perpassa a obra, pois a cotovia aparece como mediadora entre o céu e a terra, entre o terreno e o espiritual ou como mediadora entre o ser e o Sagrado.

Nesse trabalho, "O Campo de Trigo com Corvos" Vincent, surpreendentemente, também pinta três caminhos.¹³⁰ Ribeiro afirma que o céu sombrio demonstra a tristeza vivenciada no momento e os caminhos pintados nessa obra podem indicar que o artista se encontrava sem saída na vida, por isso para dar fim à própria angústia, só encontrou o caminho da morte. Em 27 de julho de 1890 Vincent Van Gogh se suicidou com um tiro no peito.

Quando observamos atentamente essa obra, percebemos que em meio à escuridão do céu Vincent pintou apenas uma forma circular, um mandala branco, pouco organizada, diáfana e que apesar da escuridão, uma luz envolve o corvo representado na parte esquerda do céu. Podemos acreditar então, que os opostos

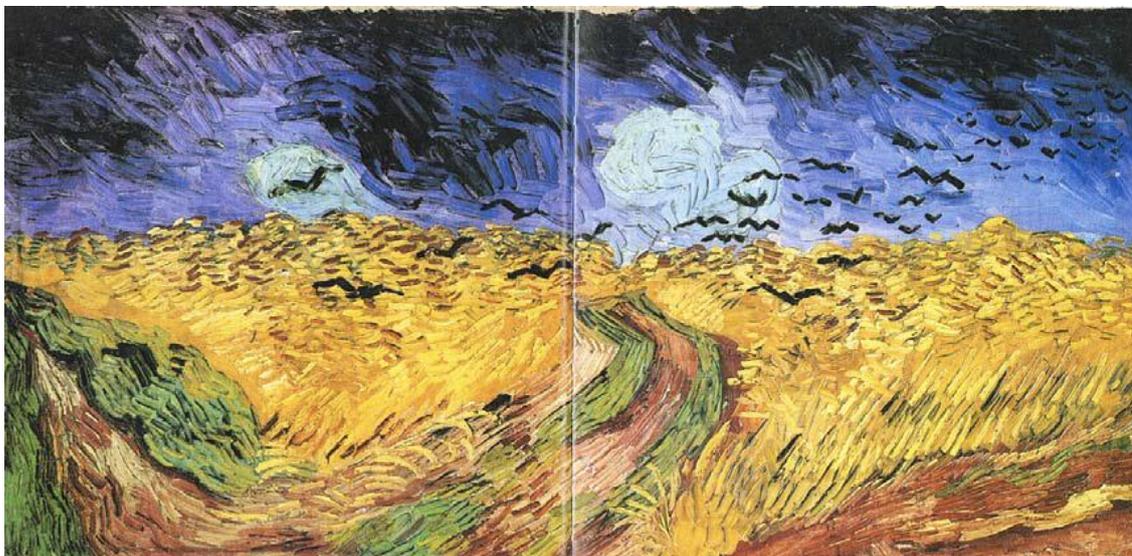
¹²⁸ RIBEIRO, 2000.

¹²⁹ CHEVALIER, 1997, p. 293-296.

¹³⁰ RIBEIRO, 2000, p. 24.

espontaneamente se apresentaram e que apesar das dificuldades emocionais o *Self* tentou ajudar na organização psíquica.

Figura 14 - Campo de Trigo com Corvos



Fonte: PICKVANCE, R. *Van Gogh in Saint-Rémy and Auvers*. Metropolitan Museum of Art: N.Y, 1986. p. 275.

Observando esses quadros, entendemos que as obras desse artista foram influenciadas pelo estado psicológico dele. As emoções de Van Gogh foram projetadas ao largo da obra dele. Principalmente relembramos que antes de adoecer ele usava um estilo e após o adoecimento passou a pintar diferente. Após ser internado no hospital psiquiátrico e em um período de recuperação, passou a pintar curvas em espiral e surgiram as formas circulares, os mandalas.

A história de Van Gogh nos aponta as dificuldades que ele possuía para viver em sociedade e que fazia da arte uma forma de exprimir seus sentimentos. Ele escreveu em carta ao irmão: “Se ao menos pudesse exprimir aquilo que sinto”. Ele tinha consciência de seu sofrimento e de suas dificuldades. “O inconsciente com seus conteúdos arcaicos, inundou o ego, que não conseguiu suportar esta força avassaladora. Apesar da desestrutura interna houve um esforço supremo para conservar e realizar o *Self*”.¹³¹

Van Gogh não procurava retratar a realidade, mas expressar sua sensibilidade em relação ao tema. É importante para nosso estudo destacarmos que

¹³¹ MAIA, Denise Diniz. *O Retrato Genial de Vincent: um processo de individuação*. Disponível em: <<http://www.denisemaia.com.br/arqs/outros/ORetratoGenialdeVincentPrefacio.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017. p. 11.

as formas circulares surgiam espontaneamente em quadros produzidos por esse pintor, em momentos de crise.

Visto isso, podemos pensar, refletindo sobre o tema desta pesquisa e observando, por exemplo, o quadro “A noite estrelada”, que as pinturas de Van Gogh demonstram como a forma circular surge em momentos de conturbação mental e que esse fato demonstra que forças internas trabalham visando a organização psíquica, tal como postulou Jung.

Esse estudo mais uma vez nos faz acreditar que as forças internas, o Sagrado atuam espontaneamente promovendo o crescimento da personalidade e desta forma em um processo bem conduzido de arteterapia isso pode verdadeiramente ser intensificado.

Mediante a apresentação desses relatos das manifestações de diferentes artistas, em diferentes contextos, este capítulo procurou revelar o mundo interior em que viviam esses três expoentes, com suas produções plásticas simbólicas ora revelando caos interno e suas tentativas de reorganização (paciente de Nise da Silveira), ora revelando uma produção espiritual (Kandinsky) ou, ainda, a expressão do sofrimento psíquico e busca espiritual de Van Gogh. Estamos prontos, pois, para demonstrar, no Capítulo III, como a Arteterapia de fundamentação junguiana pode contribuir decisivamente para o encontro com o Sagrado.

3 O ENCONTRO COM O SAGRADO NA ARTETERAPIA ORIENTADA PELA TEORIA JUNGUIANA

Os capítulos anteriores apresentaram a nossa pesquisa bibliográfica de base sobre como a Psicologia Humanista e, em particular, a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, contribuem para a compreensão da busca do ser humano pela espiritualidade, do encontro com o Sagrado, com a Imago Dei ou, ainda, do processo de individuação. Assim, nosso percurso desemboca, agora, no estudo da Arteterapia como facilitadora desse processo humano de busca da transcendência. De início, é feito um resgate histórico da utilização da arte com fins terapêuticos a partir de Jung, seguindo-se uma breve apresentação da Arteterapia propriamente dita, além do relato de um caso clínico que confirma o poder da expressão simbólica no trato da esquizofrenia.

3.1 Conceitos básicos de Arteterapia orientada pela teoria junguiana

Desde o tempo das cavernas o homem utiliza a arte como forma de se expressar. O uso terapêutico da arte remonta às mais antigas civilizações, mas somente a partir do século XIX a arte vem sendo pesquisada e utilizada como base para terapia. Nos anos de 1920, Jung foi o primeiro a utilizar a expressão artística em consultório como forma de tratamento. Ele pedia a seus pacientes que desenhassem ou pintassem imagens de sonhos, sentimentos ou de situações conflitivas e outras. Priorizava a expressão artística e a verbal como componentes de cura.¹³²

No entanto, foi só a partir de 1969, com a fundação da Associação de Arteterapia Americana, AATA¹³³, que arte e terapia fundiram-se numa única expressão para definir uma modalidade de tratamento psicológico pela arte, e desde então vem se espalhando pelo mundo, tendo chegado ao Brasil na década de 1970. A Arteterapia brasileira vem crescendo significativamente nas últimas décadas. Vem sendo aplicada nas áreas da saúde, educação e social,

¹³² SOUZA, Otilia Rosângela. *Longevidade com Criatividade: arteterapia com idosos*. 2 ed. Belo Horizonte: Edição própria, 2014. p. 14-15.

¹³³ ASSOCIAÇÃO de Arteterapia Americana, AATA. Disponível em: <<http://www.arttherapy.org>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

para tratamento em grupos ou individualmente. Por ser ótimo instrumento de trabalho com várias populações, a Arteterapia propicia melhor qualidade de vida, inclusive para indivíduos em risco socioeconômico. No Brasil já contamos com mais de 2500 trabalhos que demonstram a eficácia da Arteterapia no tratamento de diversas populações. Já foram realizados 12 Congressos Nacionais de Arteterapia. E neste ano, 2017, aconteceu no Rio de Janeiro, o VI Congresso Latino Americano de Arteterapia.¹³⁴

Como profissão, a Arteterapia é um campo relativamente novo. Em 2013, foi inserida na Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho, como uma ocupação brasileira, CBO 2263-10. A partir de 2014 tramita no Senado um projeto de lei para regulamentação da Arteterapia como profissão, PL 3416-15. Também integra o quadro de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde, desde 2017, através da portaria Nº 145, de 13 de janeiro de 2017. É uma área de interface que utiliza conhecimentos artísticos e psicológicos, cuja fundamentação teórica possui bibliografia específica, assim como metodologia e aplicação. A capacitação para o exercício profissional requer formação específica e consistente, em nível de pós-graduação. Desde 2006 existe a UBAAT- União Brasileira de Associações de Arteterapia, composta atualmente por onze Associações Estaduais de Arteterapia, que visam assegurar a qualidade dos profissionais arteterapeutas, da prática e da docência.¹³⁵

Sara Pain e Gladys Jarreau, psicanalistas brasileiras, definem Arteterapia:

Ainda que a noção de arte-terapia geralmente inclua qualquer trabalho psicoterapêutico que utilize como mediação a expressão artística (dança, teatro, música, artes plásticas) [...] estas atividades têm em comum a objetivação da representação visual do domínio figurativo, a partir da transformação da matéria.¹³⁶

Atualmente, muitas teorias psicológicas fundamentam a área. Encontramos arteterapeutas trabalhando com a abordagem de Winnicott, com a

¹³⁴ VI CONGRESSO Latino Americano de Arteterapia. Disponível em: <<http://congresso.aarj.com.br>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

¹³⁵ UBAAT - *União Brasileira de Associações de Arteterapia*. Disponível em: <<http://www.ubaat.org/>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

¹³⁶ PAIN, Sara. Gladys Jarreau. *Teoria e Técnica da Arte-terapia: a compreensão do sujeito*. Trad. Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 9.

Gestalt de Perls, o psicodrama de Moreno, com linhas humanistas, sistêmicas e também na transpessoal. A Arteterapia, ou seja, a terapia através da arte, que epistemologicamente é orientada pela abordagem da psicoterapia profunda postulada por Carl Gustav Jung, com a qual trabalhamos, utiliza materiais expressivos diversos para a expressão espontânea de imagens, ativando, fundamentalmente, mudanças psíquicas e a expansão da consciência. Com esse objetivo, seguem alguns passos importantes, visando sempre facilitar o processo de amadurecimento da personalidade, que foi denominado por Jung como processo de individuação, através do qual a pessoa pode tornar-se realmente quem é, como já descrito anteriormente neste estudo.

Durante as sessões de Arteterapia, pinturas, desenhos, colagens, modelagem, tecelagem e outras técnicas expressivas e plásticas, principalmente as artes visuais, são utilizadas para a expressão espontânea do inconsciente. Em nossa prática arteterapêutica observamos o surgimento de imagens que são símbolos do Si-mesmo ou *Self*, arquétipo postulado por Carl Gustav Jung como representante do Cristo interior, do Sagrado, arquétipo organizador da personalidade.¹³⁷

Visando a integração dos opostos e a fomentação do processo de individuação, no início da sessão de Arteterapia sempre é realizado um estímulo para facilitar a expressão do inconsciente, tal como o relaxamento conduzido ou a meditação. Essas práticas buscam a conscientização de sentimentos ou emoções presentes na psique.

Tauler, o discípulo de São Tomás de Aquino, já afirmava:

Para ouvir a palavra interior da divindade, o melhor é escutar o repouso e o silêncio. Quando Deus deve falar, tudo deve calar. Para que Deus aja em nós, devemos deixá-lo agir, ceder-lhe o lugar, porque não pode agir, se agimos de nossa parte.¹³⁸

Também para facilitar o processo de expressão do inconsciente, na arteterapia, durante o relaxamento ou meditação, pode-se focar vários temas específicos e necessários, que facilitem o crescimento da personalidade.

¹³⁷ JUNG, 2011, p. 52.

¹³⁸ LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 37.

3.2 A crise de identidade na interface entre Psicologia Analítica e Arteterapia

Os temas propostos propiciam ao indivíduo entrar em contato com questões que facilitarão o desenvolvimento da personalidade, tais como: Quem sou eu? Quais são meus defeitos? Quais são minhas qualidades? Quais são meus valores e como os obtive? Quais são meus sonhos? Quais são meus objetivos? Qual o sentido da minha vida?

Pensar sobre essas questões é extremamente importante porque essas perguntas são inerentes ao ser humano, que desde os primórdios de sua existência busca sua alma e o sentido de sua vida. Portanto, a grande questão sempre foi: “Quem sou eu?” As respostas podem ser variadas: filho de fulano, profissional, marido, mas na verdade o indivíduo sente que esses papéis não o descrevem realmente, pois ele é mais do que a soma de tudo o que já vivenciou.

Quando surgem essas questões, estando ou não em um processo terapêutico, abruptamente acontece a crise que Jung denominou crise da meia idade ou *metanoia*: a pessoa começa a se sentir sem energia; a perceber a própria vida vazia e sem sentido; surgem então sinais de agressividade, medo, angústia, pânico, por exemplo.¹³⁹

Segundo aponta Jung, essa crise ocorre entre os 36 e 60 anos de idade, ou seja, a partir da metade da vida. Para ele é na segunda metade da vida que surgem as questões existenciais que podem levar ao desenvolvimento da personalidade. Acontece a mudança de um plano biológico e social para um plano psicológico e espiritual na segunda metade da vida.¹⁴⁰ Questões espirituais, negligenciadas por muito tempo, surgem na consciência, tal como a contemplação da morte, resultando em medo e dúvida. Mas a tomada de consciência da morte, da perda, é um aspecto importante para o crescimento da alma: a perda da juventude, das capacidades físicas, a perda de sonhos e ideais, é o centro da crise, a perda de quem pensávamos que fossemos, o que

¹³⁹ STAUDE, John-Rahael. *O desenvolvimento adulto de C. G. Jung*. Trad. Humberto Arcanjo Brito Rodrigues. 9. ed. São Paulo, Cultrix, 1995. p. 93.

¹⁴⁰ JUNG, 2011, p. 351.

resulta em profunda dor. Mas é justamente a dor que nos remete ao crescimento.¹⁴¹

Murray Stein (1943-), psicoterapeuta, analista junguiano, escritor, conferencista e ex-presidente da Associação Internacional para Psicologia Analítica, considera essa crise como crise do espírito:

Assim eu considero a meia-idade como um momento em que as pessoas estão vivendo uma mudança de alinhamento com a vida e o mundo e isto possui um significado psicológico e até religioso que vai além das dimensões sociais e interpessoais.¹⁴²

Observamos que é assim, com grande sofrimento da alma que a pessoa, vivenciando a crise da meia idade, muitas vezes chega para uma sessão de Arteterapia. Durante esse processo é necessário ter força moral para suportar os conflitos, os violentos esforços com relacionamentos, angústias e medos.

Mas para um *insight* maior, ampliação da consciência na jornada da vida, é preciso se perguntar: “Qual obstáculo me impede de ser eu mesmo? O que me impede de ter uma vida autêntica?” Com essas perguntas descobre-se novos caminhos para a interioridade que conduzem à descoberta da diferença entre o que se pensa ser e o que de fato se é. Isto porque a tarefa principal do ser humano, como apontou Jung, é se tornar quem realmente se pode ser.¹⁴³

Como conta Murray, o próprio Jung viveu essa fase como um período de transformação intensa, que ele descreveu no trabalho “Um confronto com o inconsciente”. Nesse trabalho Jung explica o que acontece nessa época da vida, conforme explica Murray:

O que ele aborda nesse trabalho é a quebra da persona, uma estrutura psicológica que é o equivalente mais próximo do que Erik Erikson chama de identidade psicossocial, acompanhada pela liberação de dois elementos da personalidade, até então inconscientes e reprimidos: a pessoa rejeitada e inferior que todos temem se tornar (a sombra), e por trás dela o ‘outro’ contra-sexual, cujo poder de uma forma ou de outra, todos, com alguma razão, tentam negar (o animus, na mulher e a anima no homem). [...] Uma jornada prolongada nessa direção, dizia Jung, poderia levar uma pessoa a descoberta do seu próprio âmago, o verdadeiro *Self*. A descoberta do *Self* e a estabilização gradual de sua

¹⁴¹ HALL; NORDBY, 2009, p. 81.

¹⁴² STEIN, Murray. *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*. Trad. Paula Maria Dip. São Paulo: Paulus, 2007. p. 14.

¹⁴³ GRINBERG, 2003, p. 176.

presença como guia dentro da consciência, se tornaria a base de uma nova integridade.¹⁴⁴

Após esse trabalho psicológico, seria formada então uma nova personalidade. Ao trabalhar questões como defeitos, no processo arteterapêutico, por exemplo, o indivíduo tem contato com a própria sombra, podendo dialogar com a mesma e aceitá-la. Experimenta seus limites e limitações e ocorre o esvaziamento de si. A partir de então, assume uma atitude mais humilde perante a vida, perante os outros e perante Deus. A humildade é necessária e fundamental para o autoconhecimento e para a abertura ao Sagrado. Para Jung é necessário reconhecermos com humildade o poder do inconsciente.¹⁴⁵

Na Alemanha, Anselm Grün também postula a importância da humildade como sendo um estado de espírito necessário para ocorrer a autêntica experiência de Deus, ou seja, o encontro com o Sagrado. Ele afirma que a experiência de Deus só se manifesta no ser humano que possui a humildade autêntica.¹⁴⁶

No livro “Tauler e Jung: O Caminho para o Centro”, Lepagner e Silva afirmam que, tanto Tauler quanto Jung, teóricos já apontados anteriormente nesta dissertação, apresentaram o ponto de vista necessário para a maturação humana: a superação do ego (eu) e o caminho na direção do Si-mesmo, contemplando tudo aquilo que Cristo representa para o cristão.¹⁴⁷ Esse conceito pode ser ampliado ainda mais com essa posição de Jung: “A meta de uma psicoterapia que não se contenta apenas com a cura dos sintomas é a de conduzir a personalidade em direção à totalidade”.¹⁴⁸

É seguindo essa linha de pensamento que podemos utilizar a Arteterapia, à luz da teoria junguiana, como um cuidado essencial para o ser humano, passível de despertar o que ele tem de melhor em seu interior, o Sagrado, contribuindo, assim, para a sua saúde mental e espiritual.

A introversão que ocorre durante a sessão de Arteterapia, promovida por exercícios bem direcionados que propiciem a expressão de imagens espontâneas,

¹⁴⁴ STEIN, 2007, p. 40.

¹⁴⁵ GRÜN, Anselm. *Humildade e experiência de Deus*. Trad. Luiz de Lucca. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 27.

¹⁴⁶ GRÜN, 2014, p. 41.

¹⁴⁷ LEPARGNEUR; SILVA, 1997, p. 82.

¹⁴⁸ JUNG, 2011, p. 289.

pode facilitar o autoconhecimento, a conexão com o íntimo do ser, o contato com o inconsciente e o acesso ao centro integrador da personalidade, o *Self*, o Sagrado, o Cristo interior, a imagem de Deus. Sobretudo em um trabalho sério fundamentado na Psicologia Analítica, “pois a psicologia analítica encaminha-se para um efeito contrário” à ideia de um Deus morto, conforme aponta James Hillman: “Ela se orienta no sentido de ‘remitologizar’ experiências que possam conter envolvimento religiosos [...] Ideias emocionais maiores, como a ideia e a imagem de Deus, podem ‘morrer’ na vida psíquica, mas não por muito tempo”. Para a psicologia o que importa não é saber se “Deus está morto”, mas sob que formas essa energia indestrutível está reaparecendo agora na psique”. O próprio Hillman assevera: “Somos levados à conclusão que a redescoberta da alma através do inconsciente resulta num interesse ao mesmo tempo teológico e religioso”.¹⁴⁹

Segundo Rudolf Otto, a experiência do Sagrado “não é ensinável em sentido estrito, mas apenas estimulável, despertável - como tudo aquilo que provém do espírito”.¹⁵⁰ É justamente o que acontece em um processo de Arteterapia bem conduzido, no qual se desperta o que o ser tem de mais sublime, o Cristo interno, o Sagrado, como exemplificaremos a seguir.

3.3 Relato de experiências abordando o encontro com o Sagrado em Arteterapia

Além de minha própria experiência como profissional arteterapeuta, deparei-me com símbolos surgidos espontaneamente nas imagens plásticas de clientes que representam o encontro com o Sagrado, com o *Numinoso*, o que indica a atuação do *Self*. Pude observar nesses casos o desenvolvimento da personalidade e constatei a importância desse encontro durante o processo terapêutico. Nesta prática tive a alegria de observar que a experiência real, concreta, viva, fascinante do contato com o *Numinoso* pode curar a neurose.

Em vários processos que acompanhei em consultório durante 20 anos de experiência vi se apresentarem símbolos do *Self*, principalmente em clientes na crise da meia-idade, tais como o diamante, os mandalas e a cruz, por exemplo, que

¹⁴⁹ HILLMAN, James. *Uma busca interior em psicologia e religião*. Trad. Aracéli Martins Elman. São Paulo: Paulus, 1984. p. 7.

¹⁵⁰ OTTO, 2007, p. 39.

podem ser considerados símbolos da perfeição e do *Self*.¹⁵¹ Jean Chevalier assim define esses símbolos:

- ✓ **Diamante:** “Suas excepcionais qualidades físicas, de dureza, limpidez, luminosidade, fazem do diamante um símbolo maior de perfeição, mesmo que o seu brilho não seja considerado unicamente como benéfico”.
- ✓ **Mandala:** “Mandala é literalmente um círculo, ainda que o seu desenho seja complexo e muitas vezes se encerre em uma moldura quadrada. [...] mandala é ao mesmo tempo um resumo da manifestação espacial, uma imagem do mundo, além de ser a representação e a atualização de potências divinas; é assim uma imagem para conduzir à iluminação quem a contempla”.
- ✓ **Cruz:** “É considerada o terceiro dos símbolos fundamentais. Ela estabelece uma relação entre os três outros: pela intercessão de suas duas linhas retas, que coincide com o centro, ela abre o centro para exterior; inscreve-se no círculo, que divide em quatro segmentos; engendra o quadrado e o triângulo, quando suas extremidades são ligadas por quatro linhas retas”.¹⁵²

Os autores do conceituado dicionário de símbolos, explanam sobre o cruzamento de duas linhas retas, como as que formam a cruz, como sendo “a base de todos os símbolos de orientação nos diversos níveis de existência do homem [...] em relação a ele mesmo, aos pontos cardeais celestes, orientação temporal e espacial”.¹⁵³

Quanto à representação da cruz é importante ressaltar, ainda, que para Jung, “o símbolo central da arte cristã não é o mandala, mas a cruz ou o crucifixo”. Ele observa ainda que “até a época carolíngia, a forma usual era a cruz grega ou equilátera, e, portanto, o mandala estava indiretamente envolvido naquele desenho”, mas foi na Idade Média que alteraram a forma da cruz, deslocando o travessão para a parte superior, conforme vemos atualmente na cruz latina. O que para ele simboliza a tendência para deslocar da terra o centro do homem e sua fé, e elevá-lo a uma esfera espiritual. Esta tendência surgiu do desejo de traduzir em ação as palavras de Cristo: “Meu reino não é desse mundo [...] as esperanças do

¹⁵¹ CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al., 1997.

¹⁵² CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al., 1997, p. 309.

¹⁵³ CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al., 1997, p. 309.

homem medieval estavam dirigidas para o além, pois só o paraíso lhe acenava com promessas de uma realização total”.¹⁵⁴

Também durante a supervisão de nossos alunos do curso de Pós-Graduação em Arteterapia, o qual coordenamos¹⁵⁵, observamos a representação de símbolos do *Self* em trabalhos produzidos espontaneamente. O que é frequente, principalmente em pacientes psiquiátricos, é a representação de mandalas e da cruz. Isso confirma o que Nise da Silveira e Jung observaram nos pacientes que acompanharam, ou seja, que esses símbolos, conforme explanado anteriormente, surgem como tentativa de autocura, como um impulso instintivo e não de vontade do consciente, principalmente em casos de esquizofrenia, nos quais o mundo psíquico se encontra dissociado, desordenado e caótico. Jung explica:

Em tais casos de esquizofrenia, vemos nitidamente como a ordem rigorosa de tal imagem circular compensa a desordem e perturbação do estado psíquico, e isso através de um ponto central em relação ao qual tudo é ordenado; ou então é constituída uma ordem concêntrica da multiplicidade desordenada dos elementos contraditórios e irreconciliáveis.¹⁵⁶

No livro “Arteterapia e Loucura”, Sonia Maria Bufarah Tommasi relata o caso de uma paciente esquizofrênica, que durante as sessões de Arteterapia dentro de um hospital psiquiátrico desenha, espontaneamente, imagens de cruz. Sonia explica as produções iniciais da paciente da seguinte forma: “em seu ritual inicial de trabalho, a paciente apresenta três dos quatro símbolos fundamentais : o centro, a cruz e o círculo” e Sônia nos remete a Chevalier e Gheerbrant e aponta que eles dizem que “O centro é o princípio, o Real Absoluto; o centro dos centros não pode ser senão Deus”.¹⁵⁷

Sobre o segundo trabalho realizado pela paciente (Figura 15), Tommasi explica que:

A Cruz foi traçada com a linha vertical em tinta verde e a horizontal em vermelho, deslocada para cima, não cortando o eixo vertical exatamente no centro, em torno um círculo azul, com o triângulo superior esquerdo preenchido marrom, e da direita com verde escuro. O triângulo inferior esquerdo em azul, do mesmo tom do círculo, e o da direita inferior em

¹⁵⁴ JAFFÉ, Aniela. O Simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav. (Org.) *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinto. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

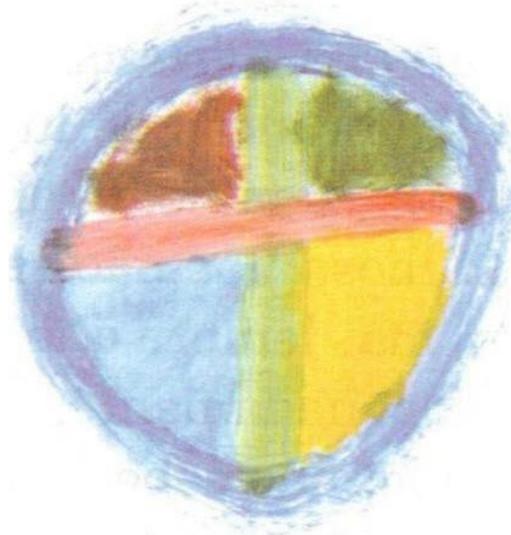
¹⁵⁵ INTEGRARTE: Centro de Atividades. Disponível em: <<http://integrarte.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

¹⁵⁶ JUNG, 2011, p. 394.

¹⁵⁷ TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. *Arteterapia e Loucura: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos*. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2005. p. 262.

amarelo. Repetindo as cores, vermelho e verde, da cruz, do trabalho anterior.¹⁵⁸

Figura 15 - Representação da cruz em trabalho arteterapêutico



Fonte: TOMMASI, 2005, p. 260.

Após apresentar a série de imagens, Tommasi observa que “o ponto central se amplia, tomando forma de círculo de cores variadas”. Ela conclui apontando a última imagem da série apresentada, composta por dois círculos e uma cruz, com o círculo central colorido de vermelho vivo, aparentando estar sobre o centro da cruz, e ambos sobre o círculo verde claro, na qual, no centro, a paciente acrescenta purpurina vermelha, objetivando transformá-lo na pedra rubi (Figura 16), desta forma colocando no centro da cruz essa pedra, como se quisesse iluminar a própria vida.¹⁵⁹

¹⁵⁸ TOMMASI, 2005, p. 265.

¹⁵⁹ TOMMASI, 2005, p. 271.

Figura 16 - Cruz com o rubi ao centro



Fonte: TOMMASI, 2005, p. 261.

Nas considerações finais desse trabalho Sonia Tommasi infere que:

[...] o processo arte terapêutico permite ao sujeito expressar suas fantasias e, ao mesmo tempo, liberar conteúdos reprimidos do inconsciente. A conscientização direta dos problemas é demasiadamente dolorosa. A expressão artística permite entrar em contato com temas que relatam as tendências da personalidade que ainda não foram reconhecidas ou admitidas, despotencializando as energias psíquicas formadoras de complexos.¹⁶⁰

Esse caso clínico confirma o que viemos constatando em nossa pesquisa, ou seja, as imagens realizadas durante o processo de Arteterapia, como símbolos do Sagrado que surgem, visam o crescimento da personalidade.

3.4 Um percurso pessoal na Arteterapia

À guisa de exemplificar através de minha experiência empírica, relato que, durante meu próprio processo arteterapêutico, ao analisar os símbolos que surgiram espontaneamente em meus trabalhos artísticos, pude perceber paulatinamente um desapego ao ego e uma aproximação ao *Self*, ou Si-Mesmo, o centro total da personalidade, que surgiu em meus sonhos e nas imagens que realizava.

¹⁶⁰ TOMMASI, 2005, p. 296.

Quase já no final de meu processo arteterapêutico tive um sonho muito forte, nítido e que foi bastante significativo. Nele, vi, em cima de uma montanha, um castelo de cristal com uma sala grande com um piso de mármore rosado, formando com a disposição das pedras uma rosa de 8 pétalas.

Analisando os símbolos surgidos espontaneamente nesse sonho, encontrei, quanto à representação simbólica, que o castelo representa a segurança como a casa, mas é uma segurança no mais alto grau, portanto é um símbolo de proteção. Para Chevalier e Gheerbrant o castelo se inclui entre os símbolos da transcendência. Ele protege a transcendência espiritual. É símbolo de realização, de um destino perfeitamente cumprido, de uma perfeição espiritual:

Entre os dois o negro e o branco, escalonam-se os diversos castelos da alma, descritos pelos místicos como outras tantas moradas sucessivas ao longo do caminho da santificação. O castelo da iluminação no cimo dos montes, e que se confunde com o céu, será o lugar onde a alma e seu Deus estarão eternamente unidos e gozarão, em pleno, de sua recíproca e imarcescível presença. [...] o castelo iluminado, que tampouco é o castelo de brancura ou de luz, simboliza a consciência, o desejo aceso, o projeto posto em andamento.¹⁶¹

No livro “Aion”, Jung escreve sobre o cristal: “O complemento da quaternidade é a unidade. É do tema do círculo e da quaternidade que deriva o símbolo do cristal formado geometricamente e também da pedra maravilhosa”.¹⁶²

Encontramos também que a rosa é a flor simbólica mais usada no ocidente, mas é correlata ao que o lótus é na Ásia. Utilizada muitas vezes como símbolo de um renascimento místico. Tanto a rosa como a cor rosa são apontadas como imagens do primeiro grau de regeneração e de iniciação nos mistérios.¹⁶³

Quanto ao oito, que se apresentou no número de pétalas da rosa, é considerado o número do equilíbrio cósmico. “Esse símbolo do equilíbrio central, que é também o da justiça, encontra-se, cumpre repetir, nas concepções pitagóricas e gnósticas”.¹⁶⁴

Ao amplificar esse sonho, entrando em estado de relaxamento profundo, visualizei uma flor de lótus dourada saindo de uma paisagem escura e então realizei com guache e cola *glitter* a pintura dessa imagem, apresentada na Figura 17.

¹⁶¹ CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al, 1997, p. 199.

¹⁶² JUNG, 2011.

¹⁶³ CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al, 1997, p. 788-789.

¹⁶⁴ CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al, 1997, p. 651-652.

Figura 17 - Flor de lótus dourada



Fonte: CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al, 1997, p. 558.

Sobre a flor de lótus dourada Chevalier diz:

Flor que se poderia dizer a primeira e que desabrocha sobre as águas geralmente estagnadas e turvas com uma perfeição tão sensual e soberana que é fácil imaginá-la, *in illo tempore*, como a primeira aparição da vida sobre a imensidade neutra das águas primordiais.¹⁶⁵

Ainda segundo aponta esse autor, o lótus pode ser considerado símbolo do crescimento espiritual, por surgir da obscuridade e desabrochar em plena luz, conforme escrito nos grandes livros da Índia. O Buda sentado sobre o lótus representa, a não afetação pelo ambiente lamacento do *samsara*. “A gema no lótus é o universo receptor do *Dharma*, é a iluminação formal, ou a *Maya*, de onde emerge o *Nirvana*.”¹⁶⁶ O mais interessante para essa pesquisa, foi constatar que o lótus e a rosa também são considerados arquétipos do *Self*.¹⁶⁷

Importante esclarecer que na época desse sonho e sua produção simbólica, há mais de 20 anos, eu não possuía o conhecimento do significado desses símbolos

¹⁶⁵ CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al, 1997, p. 558.

¹⁶⁶ CHEVALIER; GHEERBRANT; BAURBAUT et al, 1997, p. 559.

¹⁶⁷ PALMER, 2001, p. 157.

surgidos espontaneamente. Observei que a partir do que vivenciei na Arteterapia ocorreu então a transição da primeira fase da vida, centrada no ego, nas questões materiais, profissionais, casamento, maternidade, posição social, relações sociais, para a segunda fase pautada em valores espirituais, na busca de significados.

Ao me aprofundar nesse processo, pude vivenciar o contato com o que Jung chamava de encontro com o Sagrado, com o *Numinoso*, o contato intenso, fascinante, com o mundo arquetípico. Ao deparar-me com o *Numinoso*, com o Sagrado, com símbolos do *Self*, surgidos espontaneamente, independentes de minha vontade, em minhas imagens plásticas, vivi uma intensa experiência religiosa, que resultou em um novo sentido para minha vida, pois aclarou um novo significado: o desenvolvimento espiritual.

Para concluir nosso objetivo, recorreremos a Paul Tillich quando ele relaciona as diferentes formas de cura com a realidade do Nosso Ser:

[...] a integração do centro pessoal só é possível por sua elevação até aquilo que pode ser chamado simbolicamente de centro divino, e que isto somente é possível através do impacto do poder divino, a Presença Espiritual. Neste aspecto, salvação e saúde são idênticas, pois ambas expressam a elevação do ser humano à unidade transcendente da vida divina.¹⁶⁸

¹⁶⁸ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Trad. Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 718.

CONCLUSÃO

Se um grande número de pessoas está adoecendo no mundo ocidental, no qual impera uma política socioeconômica neoliberal, pautada pelo consumo excessivo, acúmulo de capital e supressão de direitos humanos fundamentais, também é verdade que existem muitas iniciativas ao redor do mundo, inclusive no Brasil, que apontam, desde a segunda metade do século XX e notadamente neste início de novo milênio, para uma crescente busca por programas e atividades que conduzam à (re) descoberta da espiritualidade.

Mesmo no campo científico tem surgido pesquisas sobre a espiritualidade. No âmbito da Psicologia, como já descrito na Introdução e no Capítulo I desta dissertação, diferentes autores apontam para a identificação de uma inerente necessidade do ser humano em se conectar com o Sagrado. Os psicólogos humanistas – Carl Rogers, Abraham Maslow, Victor Frankl e Roberto Assagioli – falam dessa necessidade de autorrealização. Maslow, por exemplo, definiu uma Teoria das Necessidades, na qual sugere que, a cada grupo de necessidades básicas específicas, o ser humano passa a ansiar por necessidades mais elevadas e refinadas. A pirâmide de Maslow começa pela satisfação das necessidades fisiológicas (alimentação e moradia), passa por segurança (emprego, propriedade), relacionamentos (família, amizade, casamento) e autoestima (confiança), até desembocar na realização pessoal (moralidade, ausência de preconceito, criatividade), muito semelhante ao que Jung definiu como individuação.¹⁶⁹

Principal referência bibliográfica desta dissertação, Carl Gustav Jung observou em si mesmo e centenas de seus pacientes um caminho semelhante, que ele denominou de Processo de Individuação. Sua teoria observa no ser humano dois planos de inconsciência, a individual (inerente, própria do indivíduo) e a coletiva (típica da humanidade, comum a todos os povos, mesmo em diferentes continentes e realidades sociais). A partir disso, apontou que o ser humano carrega em si mecanismos que ele identificou como “persona” e “sombra”, cuja integração é essencial para o encontro com o Si-mesmo, ou seja, com o *Self*. Ao propor aos seus pacientes que desenvolvessem produções

¹⁶⁹ MASLOW, Abraham H. *Motivation and personality*. 2. ed. New York: Harper and Row, 1970.

plásticas expressivas durante as sessões de terapia, identificou muitos conteúdos simbólicos direcionados ao Sagrado, como círculos (mandalas) e cruzeiros. Não é sem motivo que, mais tarde, esses estudos embasaram o desenvolvimento de um novo campo terapêutico, a Arteterapia que, como visto anteriormente, conduz o indivíduo ao seu mundo interior, à espiritualidade que foi se perdendo com o avanço científico, econômico e tecnológico. Em suas pesquisas, incluindo observações sobre si mesmo, Jung definiu o termo *metanoia*, uma fase da vida, entre os 35 e 60 anos de idade, na qual os questionamentos de ordem espiritual se tornam mais frequentes.

Mediante as revisões teóricas apresentadas nos capítulos I e II, e os relatos de práticas arteterapêuticas mostrados no Capítulo III, consideramos que os objetivos desta dissertação de mestrado em Teologia estão cumpridos. Assim, queremos inferir, a título de conclusão deste estudo, que se faz necessário ao ser humano encontrar o equilíbrio interior para resgatar sua homeostase, isto é, saúde física, emocional e espiritual. Felizmente, inúmeras iniciativas ao redor do mundo, inclusive no Brasil, mostram que homens e mulheres, de todas as idades, buscam, cada vez mais, formas de vida mais saudáveis por meio do encontro com sua espiritualidade, com o Sagrado, com a *Imago Dei*, com o *Numinoso* que se esconde em si mesmo. Podemos entender, também, que a Arteterapia, ao trabalhar com símbolos e a expressão espontânea de imagens, pode ser utilizada como um cuidado essencial para facilitar a auto percepção e esse encontro com o Sagrado, ou, ainda, como preconiza Carl Gustav Jung, facilitar a individuação. Ao pesquisar o surgimento de símbolos do *Self* durante este processo, é possível constatar a ocorrência deste amadurecimento da personalidade, tão essencial na atual sociedade capitalista, tecnicista e midiática em que vivemos.

Desta forma, acessando a totalidade, o Sagrado, o divino em si, o indivíduo pode acessar o que tem de melhor em si. O objetivo, aqui, não é a perfeição, mas ser mais autêntico, autoconsciente, se aceitar como é, com defeitos (sombra) e qualidades e, assim, enxergar a verdade, deixar de ser manipulado e se libertar da inconsciência.

Finalmente, queremos deixar claro que o presente estudo não esgota o rico cabedal de teorias, pesquisas e vivências no campo da autorrealização do ser humano. Os recentes avanços das neurociências e da física quântica

acenam com novas possibilidades que, possivelmente, darão à luz uma nova compreensão da Teologia, da Psicologia e da Arteterapia. Essa sem sombra de dúvidas, com a utilização das artes, pode contribuir sobremaneira para o (re) encontro do ser humano com a própria espiritualidade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Thiago A. Avellar de. *A Presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião*. São Paulo: Paulus, 2014.
- ASSOCIAÇÃO de Arteterapia Americana, AATA. Disponível em: <<http://www.arttherapy.org>>. Acesso em: 05 ago. 2017.
- BRETAN, Cristiane Cintra. Van Gogh: a luz que resplandece das trevas. In: MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (Org.). *Arteterapia – Arquétipos e símbolos*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- CALVIN, S. Hall; NORDBY, Vernon J. *Introdução à Psicologia Junguiana*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.
- CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e sociedade*, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, revisão técnica Dora Ferreira da Silva. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CECCON, Rodrigo Pereira; HOLANDA, Adriano Furtado. Interlocução entre Rudolf Otto, Carl Gustav Jung e Victor White. *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 63-77, abr. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 11 ago. 2017.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, BAURBAUT, André [et al.]. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CLARK, J. J. *Em busca de Jung: Indagações Históricas e filosóficas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
- DITRICH, Maria Glória. A arteterapia: da criatividade e espiritualidade ao sentido de viver. In: NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). *Espiritualidade e Saúde: da cura d'almas ao cuidado integral*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- DOURLEY, John P. *A psique como Sacramento: C.G. Jung e P. Tillich*. Trad. Elisabeth G. M. L. Jansen. São Paulo: Paulinas, 1985.
- EDINGER, Edward F. *O arquétipo Cristão*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JAFFÉ, Aniela. O Simbolismo nas artes plásticas. In: JUNG, Carl Gustav (Org.) *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinto. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANZ, Marie-Louise von. O processo de Individuação. In: JUNG, Carl Gustav (Org.) *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinto. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

FRANZ, Marie-Louise Von. Tradução: Eunice Katunda. *A individuação nos contos de fada*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*: edição Standart Brasileira. Trad. Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GREY, Sue Ann. *Vincent van Gogh, a formal and psychological analysis of the final years at Arles, Saint-Remy and Auvers*. 2010. 531 f. 2010. p. 23. Disponível em: <<http://ir.library.louisville.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1530&context=etd>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

GRINBER, Luiz Paulo. *Jung o Homem Criativo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

GRÜN, Anselm. *Humildade e experiência de Deus*. Trad. Luiz de Lucca. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *O Céu Começa em Você: A sabedoria dos padres do deserto para hoje*. Trad. Renato Kirchner. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HENRY, Michel. *Ver o invisível: sobre Kandinsk*. Trad. Marcelo Rouanet São Paulo: Realizações, 2012.

HILLMAN, James. *Uma busca interior em psicologia e religião*. Trad. Aracéli Martins Elman. São Paulo: Paulus, 1984.

HURDING, Roger F. *A árvore da cura: fundamentos psicológicos e bíblicos para o aconselhamento cristão e cuidado pastoral*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

INTEGRARTE: Centro de Atividades. Disponível em: <<http://integrarte.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

JAKOB Böhme. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/jakob_Böhme>. Acesso em: 20 ago. 2017.

JUNG, Carl Gustav (Org.). *O Homem e seus símbolos*. Trad. Lucia Pinho. 2. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. *A Natureza da psique*. Trad. Mateus Ramalho Rocha. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Aion – Estudo sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. 8. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2011.

_____. *Espiritualidade e Transcendência*. Seleção e edição de Brigitte Dorst; Trad. e introdução de Nélcio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *Estudos alquímicos*. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

_____. *O espírito na arte e na ciência*. Trad. Maria de Moraes Barros. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *O eu e o inconsciente*. Trad. Dora Ferreira da Silva. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *O Livro vermelho*. Edição e introdução de Sonu Shamdasani. Trad. Edgar Orth. Revisão de tradução Walter Boechat. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Psicologia do inconsciente: dois escritos sobre psicologia analítica*. Trad. Maria Luiza Appy. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Psicologia e Alquimia*. Trad. Maria Luiza Appy, Margaret Makaray, Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Psicologia e Religião Oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Símbolos da Transformação*. Trad. Eva Stern. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Tipos Psicológicos*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Richard Wilhelm. *O segredo da flor de ouro*. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

KAST, Vereda. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana*. Tradução Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2013.

LELOUP, Jean-Yves. *Além da luz e da sombra: sobre o viver o morrer e o ser*. Trad. Pierre Weil, Regina Fittipaldi. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do Deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürchein*. Trad. Pierre Weil. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEPARGNEUR, Hubert; SILVA, Dora Ferreira da. *Tauler e Jung: o caminho para o centro*. São Paulo: Paulus, 1997.

MAIA, Denise Diniz. *O Retrato Genial de Vincent: um processo de individuação*. Disponível em: <<http://www.denisemaia.com.br/arqs/outros/ORetratoGenialdeVincentPrefacio.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, s.d.

_____. *Motivation and personality*. 2. ed. New York: Harper and Row, 1970.

MOTON Kelsey. Disponível em: <https://en.wikiquote.org/wiki/Morton_Kelsey>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PAIN, Sara. Gladys Jarreau. *Teoria e Técnica da Arte-terapia: a compreensão do sujeito*. Trad. Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PALMER, Michael. *Freud e Jung sobre a religião*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2001.

PERTUIS, Carlos. *Museu de Imagens do Inconsciente*. Disponível em: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

RIBEIRO, Claudete. *Arte e resistência: Vincent Willem Van Gogh*. 2000. 229 f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2000. p. 23. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/116108>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

ROBERTSON, Robin. *Guia Prático de psicologia Junguiana*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se Pessoa*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RUDOLF, Otto. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o irracional*. Trad. Walter O. Schlupp. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, Leonardo Machado da; MÜLLER, Marisa Campio; WALLIG, Martha et al. *Psicologia Positiva, Espiritualidade e Saúde: repercussões na psicologia contemporânea*. In: TEIXEIRA, Evilágio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa (Orgs.). *Espiritualidade e Saúde*. Belo Horizonte: Casa do Psicólogo, 2016.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do Inconsciente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

_____. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 2001.

SOUZA, Otília Rosângela. *Longevidade com Criatividade: arteterapia com idosos*. 2 ed. Belo Horizonte: Edição própria, 2014.

STAUDE, John-Rahael. *O desenvolvimento adulto de C. G. Jung*. Trad. Humberto Arcanjo Brito Rodrigues. 9. ed. São Paulo, Cultrix, 1995.

STEIN, Murray. *No meio da vida: uma perspectiva junguiana*. Trad. Paula Maria Dip. São Paulo: Paulus, 2007.

TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. *Arteterapia e Loucura: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos*. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2005.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Trad. Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

TOMMASI, Sonia Maria Bufarah. *Arte-terapia e loucura: uma viagem simbólica com pacientes psiquiátricos*. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2005.

UBAAT - *União Brasileira de Associações de Arteterapia*. Disponível em: <<http://www.ubaat.org/>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

VELOSO, Amanda Mont'Alvão. *Quem foi Nise da Silveira, a mulher que revolucionou o tratamento da loucura no Brasil*. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/04/19/quem-foi-nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratament_a_21701186/>. Acesso em: 15 jul. 2017.

VERENA, Kast. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicologia junguiana*. Trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2013.

VI CONGRESSO Latino Americano de Arteterapia. Disponível em: <<http://congresso.aarj.com.br>>. Acesso em: 05 ago. 2017.